



The Bard News®



Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Fundador - J.B Wolf

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Ciência & Tecnologia | Opinião |

VOL. I / Jornal No. 2, JULHO 15, 2025

R\$ 0,00

Sua marca aqui

Anuncie Aqui

Clique Aqui

A Ilustre Casa da Avenida Paulista

Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Renato costumava abrir as janelas todos os dias às sete da manhã. Era um ritual. O ranger das dobradiças, a madeira empenada pela umidade, a luz filtrada pelos vitrais de arabescos corroídos pela fuligem do tempo — tudo isso compunha a sua sinfonia cotidiana. Lá fora, a Avenida Paulista rugia em concreto, aço e pressa. Lá dentro, a casa ainda dormia em seus silêncios.

Leia Mais Pag A3

Culturas Plurais no Brasil

A RIQUEZA DA DIVERSIDADE CULTURAL BRASILEIRA

Por Beth Baltar
COLUNISTA

As manifestações culturais são essenciais para fortalecer a identidade e a memória coletiva de uma comunidade, representando a história, os costumes e os valores de gerações.

Leia Mais Page A9

COMPORTAMENTO



O valor do silêncio:

Por Juliana Denise
COLUNISTA

Vivemos em um mundo cercado por estímulos, o tempo todo, em qualquer lugar!

Leia Mais Pag A14

Etiqueta feminina?

Eu, etiqueta. São mensagens, letras falantes, gritos visuais...
Carlos Drummond de Andrade



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

A obra The Ladies' Book of Etiquette and Manual of Politeness, cuja primeira versão data de 1860, é uma importante referência às práticas de comportamento no século passado. Se lida com um olhar crítico, é possível inferir que a atualidade dos assuntos permite dizer que muito do que explica permite considerar o seu texto como um objeto de estudo “canônico”.

Leia Mais Pag A8

LITERATURA



O Papel do Audiobook na Revalorização de Clássicos Literários

Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Com a nova era batendo à porta e, sem recepção, sentando-se à mesa, o tempo parece se dissolver antes que alguém consiga abrir um livro. Não há silêncio! Não há pausa! Se excede trinta segundos, já é tarde demais! O mundo gira no compasso frenético das telas, e os olhos, fatigados de tanta luz artificial, já não se debruçam sobre páginas amareladas como antes.

Leia Mais Pag A6

COMPORTAMENTO



O que não devemos esquecer?

Reflexões sobre maternidade, adolescência e a arte de não deixar o amor para trás

Por Claudia Faggi
COLUNISTA

O tempo passa muito rápido - uma frase que ganha novo significado quando observamos nossos filhos crescerem. Entre memórias do Hulk e conversas sobre adolescência, uma jornalista e mãe reflete sobre o que realmente importa não esquecer na criação dos filhos.

Leia Mais Pag A15

EDUCAÇÃO



O que é, e como funcionam?

AEE, Educação Especial e Inclusiva, Escolas Especializadas

Por Cleópatra Melo
COLUNISTA

A inclusão escolar tem se consolidado como um dos pilares fundamentais da educação contemporânea, pautada nos princípios da equidade, da valorização das diferenças e da garantia de direitos para todos.

Leia Mais Pag A11

Liberdade e Educação

HOMESCHOOLING NO BRASIL:

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

O homeschooling, ou educação domiciliar, representa uma das transformações mais significativas no panorama educacional contemporâneo. No Brasil, embora ainda careça de regulamentação específica, esta modalidade de ensino tem ganhado adeptos entre famílias que buscam alternativas ao sistema educacional tradicional.

Leia Mais Pag A10



A Filosofia do Tempo:

A Percepção e a Realidade.

Por Stella Gaspar
COLUNISTA

A natureza do tempo tem fascinantes implicações filosóficas e científicas. Em filosofia, o tempo é considerado uma propriedade geral do mundo, uma dimensão na qual os eventos se desenrolam. Discute-se como diferentes teorias filosóficas e interpretações científicas abordam a compreensão humana do tempo e sua relação com a realidade. Desde os primórdios do pensamento humano, os filósofos têm debatido sobre a verdadeira natureza do tempo, questionando se ele é uma realidade objetiva ou uma ilusão subjetiva.

Leia Mais Pag A12

LITERATURA

Distopia e Utopia: Lições dos Grandes Autores Para o Presente

Como as visões literárias de sociedades ideais e pesadelos sociais iluminam os desafios contemporâneos

Pag A7

CRÍTICA

Prêmios Literários e o Fim do Mérito?

Durante décadas, os prêmios literários representaram algo quase sagrado para escritores e leitores. Eles simbolizavam mais do que troféus ou cifras:

Pag A17

CULTURA

K-LIT: a Onda Pop Coreana na Literatura atual e a conquista do público ocidental

Em 10 de outubro de 2024, a Coreia do Sul comemorava a vitória da autora Han Kang do Prêmio Nobel de Literatura

Pag A8

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao SITE e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro "REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"



William Shakespeare:

Por que ele nunca deixou de nos fascinar



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 02/07/2025"

LITERATURA - Leia no site

Poucos nomes atravessaram tantas gerações quanto o de William Shakespeare. Suas palavras continuam reverberando nas salas de aula, nos palcos, nos cinemas, nas redes sociais e em nossas mentes. Afinal, quem foi esse homem, nascido em Stratford-upon-Avon há mais de quatro séculos, capaz de influenciar não apenas o idioma inglês, mas também nosso modo de sentir, pensar e desejar?

Há um irresistível desconforto na biografia de Shakespeare. As informações oficiais sobre sua vida são surpreendentemente escassas para alguém de tamanha relevância: batizado em 26 de abril de 1564, casou-se com Anne Hathaway aos 18 anos, teve três filhos e, já com trinta, era figura central nos teatros de Londres. Entre esses marcos, grandes silêncios. O famoso “período perdido”, na juventude, nutriu gerações de biógrafos e teóricos da conspiração. Seria ele um espião? Um professor fugitivo? Um jovem iletrado cuja alma foi tomada de assalto pela Musa? Resta-nos apenas o mistério, tão fascinante quanto suas próprias peças.

O fascínio pelo autor anônimo, o chamado “problema da autoria shakespeariana”, ainda mobiliza estudiosos. O advogado Delia Bacon, por exemplo, sustentava que Francis Bacon teria, na verdade, escrito as peças. Outros apontaram para Christopher Marlowe ou Edward de Vere. Um movimento quase desesperado para atribuir tamanho gênio a alguém de berço

nobre — como se um homem “comum”, filho de um fabricante de luvas provinciano, não pudesse acessar tal universo de complexidade. E, ironicamente, talvez seja esse aspecto quase mítico o que mais universaliza Shakespeare: ele é, ao mesmo tempo, lenda e ninguém.

O crítico Harold Bloom cunhou uma expressão certa: “Shakespeare inventou o humano”. Foi talvez o primeiro a colocar no palco personagens completamente tomados por dúvidas, contradições, transformações e sombras. Hamlet é, antes de tudo, o precursor do homem moderno, refém da consciência. Macbeth mergulha no abismo da ambição e da culpa, não muito diferente dos líderes que hoje ocupam manchetes internacionais.

Nas palavras de Virginia Woolf, “antes dele, as pessoas viam as estrelas, mas Shakespeare nomeou as constelações”. O dramaturgo nos deu linguagens para o amor arrebatador (Romeu e Julieta), para o ciúme destruidor (Otelo), para o jogo de poder (Rei Lear), para o riso diante do absurdo (Sonho de uma Noite de Verão). Multiplicou as vozes humanas — dos reis aos bobos, das damas aos criminosos, dos eruditos aos trabalhadores braçais.

E, surpreendentemente, o eco de suas palavras atravessa gerações e fronteiras. “To be, or not to be...” tornou-se indagação universal, repetida em situações cotidianas ou dilacerantes.

O mestre das palavras

Shakespeare inventou cerca de 1.700 palavras no inglês e eternizou mais de 3.000 expressões

idiomáticas. Seu vocabulário, estimado em mais de 20.000 palavras, impressiona até mesmo linguistas contemporâneos. Mas o prodígio não está apenas na quantidade: cada termo é usado com precisão e ousadia criativa. Suas metáforas, imagens e ambiguidades desafiam há séculos os tradutores, forçando cada cultura a reinventar Shakespeare à sua maneira.

O verso branco, o pentâmetro iâmbico, a musicalidade e a capacidade de criar atmosfera com o ritmo — tudo contribui para uma experiência sensorial intensa. A leitura ou audição dos seus versos é um convite a um mundo em que cada sílaba pulsa.

Mulheres em tempos de silêncio

Surpreende ainda, em pleno Renascimento, a presença de personagens femininas tão densas e emancipatórias quanto Rosalinda, Portia, Lady Macbeth ou Desdêmona. Shakespeare deu voz e corpo a mulheres que desafiavam as regras, confrontam o poder, defendem seus desejos e enxergam mais longe do que a maioria dos homens à sua volta. Num tempo em que mulheres sequer podiam atuar nos palcos ingleses, Shakespeare já entendia a potência do feminino, desenhando arquétipos que inspiram gerações de artistas, estudiosas e leitores.

No Brasil, Shakespeare encontrou terreno fértil. Bárbara Heliodora, renomada tradutora e crítica, foi fundamental para adaptar as sutilezas das falas e o ritmo elisabetano à língua portuguesa. Grupos teatrais como o Galpão, a Cia dos Atores e o Teatro Oficina reinventaram Shakespeare sob o sol tropical, com sotaques, corpos e realidades nacionais. Sua influência afeta poetas, dramaturgos e até escritores de samba-enredo.

Mais do que um estrangeiro, o autor é nosso contemporâneo: as disputas familiares de Romeu e Julieta cabem nos morros cariocas, a loucura de Ofélia ecoa nos rios amazônicos, a ganância de Macbeth percorre gabinetes políticos.

O teatro como metáfora da existência

Shakespeare nos lembra, em As You Like It (Assim é, se lhe parece), que “O mundo inteiro é um palco, e todos os homens e mulheres são apenas atores”. Esta visão, quase existencialista, captura a teatralidade cotidiana da vida social, a capacidade de representarmos diferentes ‘eus’ conforme o momento exige.

O teatro shakespeariano não oferece certezas. Ao contrário: em tempos de discursos extremos, suas peças nos desafiam — escancaram o absurdo do preconceito em O Mercador de Veneza, zombam das relações de poder em Ricardo III, denunciam a fragilidade da verdade em Medida por Medida. Em plena era das fake news, torna-se cada vez mais relevante a lição: “Nada é bom ou mau, a não ser que o pensamento assim o faça”.

Uma crítica para além do tempo Por trás de sua universalidade, Shakespeare também revela as fissuras do humano. Seu humor ácido, sua coragem ao expor fraquezas (inclusive as suas), sua recusa em surtar certezas denunciam: o poeta não é santo, mas um agudo observador dos excessos e misérias da nossa espécie.

Não há, em Shakespeare, uma moral pronta. Ele subverte arquétipos, brinca com as expectativas, ironiza quem confunde aparência com essência. Seus vilões são complexos, suas heroínas são falíveis, seus protagonistas nem sempre aprendem com a tragédia. É essa honestidade brutal — o convite a olharmos sem ilusões para o palco do mundo — que faz dele não apenas um clássico, mas um presente eterno.

Curiosidades que surpreendem

- Shakespeare nunca publicou uma única peça em vida, e muitas só sobreviveram graças a amigos que reuniram seus manuscritos após sua morte.
- Doze obras teriam sido perdidas para sempre.
- Diversos estudiosos acreditam que ele possuía, ao menos, noções básicas de latim, francês e italiano.
- Ele se aposentou rico, algo raro entre dramaturgos de sua época, e investiu em imóveis e negócios em Stratford.

O legado: um espelho de nós mesmos

Seja nas tragédias sangrentas, nas comédias inventivas ou nos sonetos amorosos, Shakespeare fincou raízes profundas no imaginário coletivo. Ler Shakespeare é, também, desafiar-se: mergulhar no abismo de nossas paixões e contradições, rir de nossa própria condição e, talvez, encontrar alguma verdade provisória nesse palco deslizante que é o mundo.

Há eternidade em versos tão humanos. E, ao fim, quem lê Shakespeare lê, antes de tudo, a si mesmo.

Nas Profundezas do Mar Sem Fim

Entre Dois Mundos: Quando o Amor Precisa Esperar Dez Anos



CINEMA - RESENHA

POR The Bard News, Redação

Imagine perder um filho pequeno no meio de uma multidão. Por dez longos anos, viver com a dor e a incerteza de não saber se ele está vivo, seguro ou feliz — ou se ao menos se lembra de você. Agora imagine reencontrá-lo, por acaso, batendo à sua porta para oferecer ajuda no jardim, e perceber que ele é um completo estranho. Essa é a história comovente de Nas Profundezas do Mar Sem Fim, dirigido com delicadeza por Ulu Grosbard.

No centro do filme está Beth Cappadora, interpretada com sensibilidade por Michelle Pfeiffer. Beth é uma fotógrafa e mãe de três filhos que enfrenta o desespero quando seu filho caçula, Ben, desaparece durante uma reunião escolar. A busca é intensa, mas não traz respostas. A família se muda para Chicago, tentando seguir em frente, embora a ferida permaneça aberta.

Anos depois, um adolescente chamado Sam aparece para cortar a grama na casa de Beth. Ela reconhece imediatamente que é Ben, mas ele não se lembra da infância que viveu com eles. Criado por outra família, ele está desconectado das memórias que um dia foram suas. Essa revelação abre uma série de conflitos internos, emoções reprimidas e uma difícil reconstrução do amor e da confiança.

A atuação de Pfeiffer é o coração do filme, transmitindo uma mistura profunda de dor, esperança e culpa. Treat Williams traz a força silenciosa do pai que tenta manter a família unida, enquanto Whoopi Goldberg, como a policial Candy Bliss, oferece um equilíbrio de firmeza e compaixão.

Sem recorrer a melodramas ou trilhas sonoras invasivas, o filme aposta no poder dos silêncios, olhares e gestos. Nas Profundezas do Mar Sem Fim é uma obra delicada que mostra que, às vezes, o amor verdadeiro precisa de tempo — e paciência — para renascer.

Disponível para aluguel e compra digital no YouTube Filmes, Google Play e Apple TV+.

Opinião

O Papel do Humor em Tempos Difíceis: Rir é um Ato de Resistência



A primeira gargalhada em meio a um momento trágico costuma causar estranhamento. Há quem veja no riso um descuido, um desvio da dor, quando, na verdade, é uma forma de lidar com ela. Em tempos difíceis, o humor emerge como estratégia de lucidez. Uma ferramenta refinada de quem entende que nem tudo pode ser resolvido com seriedade extrema e que, às vezes, rir é tudo o que resta antes que a alma se rompa.

Pag A16

Comportamento

Ansiedade Digital: O Preço Invisível da Hiperconectividade na Saúde Mental



Maria acorda e verifica o smartphone antes dos pés tocarem o chão. Em minutos, já se comparou com dezenas de pessoas e sente ansiedade difusa. Ela vive a primeira epidemia de ansiedade digital da história. Descubra como a hiperconectividade está redefinindo nossa saúde mental e estratégias práticas para retomar o controle.

Pag A14



Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates resipiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

A Ilustre Casa da Avenida Paulista



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras e Empreendedorismo, Professora de Português e Literatura e atua como palestrante internacional e pesquisadora em educação e tecnologias educacionais.

@prof.alineabreu

Quando a Literatura Clássica Encontra a São Paulo Contemporânea

Uma releitura moderna do clássico de Eça de Queirós que revela como a resistência ao tempo transcende épocas

Renato costumava abrir as janelas todos os dias às sete da manhã. Era um ritual. O ranger das dobradiças, a madeira empenada pela umidade, a luz filtrada pelos vitrais de arabescos corroídos pela fuligem do tempo — tudo isso compunha a sua sinfonia cotidiana. Lá fora, a Avenida Paulista rugia em concreto, aço e pressa. Lá dentro, a casa ainda dormia em seus silêncios.

O palacete do número 1919, com sua torre esguia e os enfeites em estuque que lembravam os tempos de Luís XV, parecia destoado do mundo. Como se resistisse. Como se cada detalhe — a balaustrada da sacada, as colunas encardidas, o lustre que nunca mais fora aceso — pedisse desculpas por ainda existir. Para muitos, era só um casarão velho, mal-assombrado, um obstáculo à modernização. Para Renato, era a última trincheira da sua linhagem. Era memória.

Assim como Gonçalo Mendes Ramires — aquele que, séculos antes, tentara reconstruir sua história com tinta e papel —, Renato também decidiu não sair. Enquanto todos à sua volta cediam ao tempo, à especulação imobiliária, à lógica fria das cifras, ele permaneceu. Morava sozinho em um dos quartos do andar de cima, dividia seus dias com a mesma mobília carcomida que fora da avó Lavínia, lia os mesmos livros da biblioteca do subsolo, agora um santuário poeirento com colunas vermelhas descascadas e o cheiro forte da madeira apodrecida.

Havia quem dissesse que ele estava louco. Que vivia entre fantasmas. Mas Renato conhecia cada parede. Sabia da rachadura que atravessava o teto da sala de jantar como se fosse uma cicatriz de guerra. Sabia que o papel de parede dourado já fora importado de Paris, que o espelho oval do hall refletira os trajes de gala de seus bisavós, que o mármore da escada havia sido polido a mão quando ainda se acreditava no esplendor eterno.

A cidade o olhava com estranheza. Como se ele fosse um animal de outro tempo, uma figura extemporânea em um palco de arranha-céus e cafés gourmet.

Era sua forma de resistir ao mundo que o empurrava para fora.

A cidade o olhava com estranheza. Como se ele fosse um animal de outro tempo, uma figura extemporânea em um palco de arranha-céus e cafés gourmet. Mas ele não se importava. Porque, no fundo, havia naquela casa algo que o mundo já não compreendia: uma certa dignidade no desgaste, uma beleza antiga nas ruínas.

Ele tentava, é verdade. Pintou uma ou outra janela. Fez pequenos reparos nas telhas para evitar que a chuva lhe caísse no colchão. Uma vez, chegou a organizar uma feira de adoção de animais no jardim lateral — que outrora fora um recanto de buganvílias, hoje tomado por mato e espinhos. Mas o Estado, os vizinhos, os burocratas, os fantasmas — todos pareciam mais dispostos a sepultar do que a restaurar.



E assim ele foi ficando mais silencioso. Mais parecido com a casa.

À noite, acendia uma única lâmpada na sala de estar, como se quisesse lembrar à cidade que ali ainda havia vida. Às vezes, sentado na poltrona de couro amarelo, observava a parede da frente onde a tinta se desprendia em camadas — como se o próprio tempo estivesse se despidendo diante de seus olhos. “Cada camada uma história”, ele dizia.

Renato era, ao modo moderno, um último herdeiro. Sem glória, sem romances

cavaleirescos, sem épicos de espada. Mas com a mesma obstinação de Gonçalo Ramires. Ambos escreveram suas histórias — um com pena de pato, outro com as próprias escolhas. Ambos caminharam pelas ruínas de um passado que já não encontrava eco no presente. Ambos tentaram reerguer uma torre caída com gestos pequenos, quase íntimos. Ambos fracassaram, talvez. Mas há fracassos que são mais nobres do que muitas vitórias.

No final, a casa ficou vazia.

Renato morreu numa manhã chuvosa de fevereiro. Nenhum parente veio reclamar a herança. Nenhum vizinho sentiu falta. Apenas os passantes, ao repararem na ausência da luz da janela, murmuraram que talvez, agora sim, o casarão estivesse completamente morto.

Hoje, o palacete segue trancado, como um livro que ninguém ousa abrir. Por fora, parece rendido. Por dentro, guarda uma história que não se conta mais. Mas que, à sua maneira, ainda resiste — nos cacos do lustre, nas colunas do subsolo, na curva arredondada das janelas. E, acima de tudo, no silêncio deixado por um homem que, como tantos outros, tentou preservar o que já não cabia neste mundo.

Porque, no fundo, há casas que não morrem. Apenas adormecem — esperando que alguém, um dia, volte a lembrar.

Herdeiras do Mar – Mary Lynn Bracht



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité, Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

RESENHA

Quando a literatura dá voz às feridas silenciadas da história

As bombas de Hiroshima e Nagasaki foram noticiadas avidamente em 1945, mas ainda hoje as feridas causadas pelo imperialismo japonês na Ásia como um todo são faladas em tom baixo, sem tanta visibilidade ou importância. Porém, a Coreia do Sul luta para trazer à lembrança mundial seu passado,



especialmente um assunto delicado: as chamadas mulheres de conforto – que, na verdade, poderiam ser meninas de conforto.



O caso das mulheres de conforto só foi exposto ao mundo quando uma ocidental

contou que havia sido uma das vítimas, em 1992: Jan Ruff O’Herne, de origem holandesa, vivia na Indonésia quando a região foi ocupada, e ela foi capturada para ser uma das tantas mulheres violentadas pelo exército japonês em prostíbulos de guerra. Antes disto, aquelas mulheres coreanas e asiáticas estupradas foram silenciadas – em 1991, a coreana Kim Hak-Sun já havia dado seu depoimento sombrio, mas foi taxada como oportunista.

De fato, as mulheres de conforto são uma ferida nunca cicatrizada para a Coreia, sendo repetidamente cutucada para não ser esquecida, e um espinho na carne para o Japão, que prefere abafar ao máximo esta discussão. E a literatura é

um dos espaços que permite não apenas abordar tal temática com a sensibilidade necessária para o mundo. Prova disso é a obra “Herdeiras do Mar”, da autora de diáspora Mary Lynn Bracht, sendo ela norte-americana, mas descendente de coreanos.

A obra recebe este nome por contar a história de uma haenyo, nome dado para as mergulhadoras da ilha de Jeju, na Coreia, que, em suas técnicas tradicionais de mergulho para suportar águas frias para pescar moluscos, são símbolos de independência, força e determinação. Porém, nem isso as poupou de serem também vítimas dos homens japoneses no período da 2ª Guerra Mundial. E isso é demonstrado por Hanna, a filha mais velha de uma família de pescadores de Jeju, que, para salvar sua irmã mais nova, é capturada pelos soldados do Japão e levada para ser escrava sexual aos dezesseis anos.



Porém, ao mesmo tempo que a história percorre o passado pelo que Hanna passa enquanto mulher de conforto, também traz o presente daqueles que viveram com um buraco em sua família – já que muitas mulheres de conforto, após o fim da guerra, foram

simplesmente abandonadas, sem ter para onde voltar, já que foram desonradas através do estupro, ou mortas no processo de violência sexual e guerra –, através da narrativa da irmã Emi, a mais nova, que escapa, e continua a procurar o paradeiro de Hanna após tantos anos.

Desta forma, temos contato tanto com o que aconteceu com essas meninas abusadas e feridas fisicamente, mentalmente, moralmente e socialmente, quanto com as consequências deixadas para trás quando o Japão foi derrotado e nunca assumiu seus atos durante a invasão à Coreia, como as famílias que nunca souberam o que houve com suas filhas. E o peso da leitura é equivalente ao da história, somado à sensibilidade das personagens Hanna e Emi, onde uma se sacrificou para poupar a outra, e a sobrevivente nunca pôde agradecer sua irmã.

É uma leitura emocionante e extremamente forte, que mexe com os leitores e nos faz pensar sobre o quanto sabemos e realmente nos importamos com os crimes de guerra nunca julgados corretamente. As vítimas que continuam vivas ainda esperam o reconhecimento do que viveram e um perdão oficial que possam aceitar. E no rosto das senhoras, agora enrugadas, as meninas de conforto lutam para não serem novamente abandonadas, pois “não se pode mudar o passado. O presente é tudo o que lhe resta”. E a voz que a literatura entrega, sempre.

Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



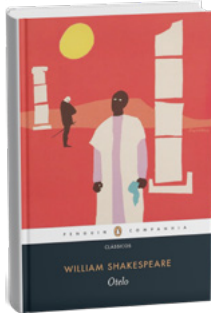
"O Mercador de Veneza"

O mercador de Veneza é uma das obras mais polêmicas de William Shakespeare. Aborda o choque entre diferentes culturas, tema tão presente hoje como na Inglaterra do século XVI. Tradicionalmente classificada como comédia, apresenta elementos típicos do romantismo.

FAZER DOWNLOAD



Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



"Otelô"

Em Veneza, Otelô, um general mouro a serviço do Estado, conquista Desdêmona, uma jovem, filha de um nobre local. Após enfrentar a ira do pai e defender-se com sucesso contra a acusação de tê-la "enfeitado", ele parte a Chipre em companhia da esposa para combater o inimigo turco?otomano. Lá, seu alferes, o manipulador Iago, consegue paulatinamente instilar na mente do mouro a suspeita de que Desdêmona o traiu. Otelô é a tragédia em que Shakespeare estudou os mecanismos da imaginação, da paixão e do ciúme. Em nova tradução de Lawrence Flores Pereira, que recria a linguagem grandiosa de Otelô e a prosa nefasta de Iago, esta nova edição é acompanhada de uma longa introdução e notas contextuais do tradutor, bem como de um ensaio de W. H. Auden.

FAZER DOWNLOAD



EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol 1 Jornal Nº II - Julho/2025

Direção Geral: J.B Wolf

Editor-Chefe: J.B Wolf

Conselho Editorial: [Lista de membros]

Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]

Coordenação de Arte e Design:

Agência The Wolf Bard

Suporte Técnico: [TI e Web]

Contato: redacao@thebardnews.com |

Instagram: @thebardnews

Endereço: Águas Claras, Brasília - DF

Colaboradores: [Convidados]

Contato para publicações: participe@thebardnews.com

Colunistas fixos: [colunistas especiais]

J.B Wolf

Stella Gaspar

Jeane Tertuliano

Claudia Faggi

Beth Baltar

Aline Abreu Santana

Renata Munhoz

Juliana Denise

Cleópatra Melo

Mariana Pacheco

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard

CONTATO/WHATSAPP: (61) 9 8474-7033



"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

LITERATURA

CRÔNICAS

Pausas para sobreviver



POR
Neri Luiz Cappellari

Estamos com pressa. Muita pressa! Pressa para bater o ponto no trabalho. Pressa para amar, para abraçar, para ouvir, para o lazer, para conversar sobre as coisas simples do nosso dia a dia. Até deixar de pegar aquele ônibus lotado não é uma opção. Afinal, o ponto te espera no trabalho — e ele é implacável e preciso. Vivemos em um mundo frenético. A própria terra, parece estar girando mais rápido, e temos a impressão de que somos obrigados a correr para manter o seu ritmo ou cairemos no vazio.

A rotina começa pela manhã, quando nos vestimos rapidamente. Depois, literalmente, engolimos o café da manhã e corremos para a parada de ônibus mais próxima. O stress começa cedo quando nos deparamos com um engarrafamento quilométrico na hora do pico — o que é comum nas grandes cidades. Até aquela fila no supermercado — que não anda — é motivo de ansiedade. Quantas vezes adiamos aquele passeio na praça, com a família, por falta de tempo? Em quantas situações, deixamos de trocar um carinho, um abraço porque temos pressa? Às vezes, sentimos culpa por não sermos mais aplicados, mais eficientes, mais ágeis. Contudo, haveria uma maneira mais equilibrada de lidar com o stress, a culpa, a ansiedade, a angústia que nos cercam?

Talvez, sim. A princípio seria difícil, mas não impossível, rebelar-se contra o que parece ser a ordem do dia. Será que não podemos simplificar nossa agenda diária? Com isso, iríamos desacelerar o passo. Quem sabe sobre um espaço para dar uma atenção

maior a um familiar ou amigo que precise de nossa atenção?

Sobre aquele sentimento de culpa por não sermos mais eficientes, aplicados, ágeis, em nosso cotidiano, devemos nos lembrar de que não somos máquinas. Precisamos, sim, ir em busca de um ritmo de vida conforme os nossos passos, sem cobranças, sem metas inalcançáveis. Se tivermos que pegar aquele ônibus lotado para não nos atrasarmos — não há problemas — isso faz parte da rotina das grandes cidades que não tem um sistema de transporte público bem dimensionado. No momento em que ficarmos presos em um engarrafamento, podemos avisar o nosso chefe explicando a situação. Após isso, é só ligar a playlist, por nossas músicas preferidas, e curtiremos a viagem. Em fins de semana, podemos levar nossas famílias para passear, brincar com nossos filhos. Vivamos o presente, sem atropelos, sem corridas desnecessárias, sem queimar etapas da vida pensando em um futuro que chegará, um dia. Logo, tudo tem seu tempo!

Embora se desvincular da pressão frenética do dia a dia, nem sempre seja uma opção, podemos encontrar formas mais equilibradas de lidar com o stress, a angústia, a ansiedade que a correria do mundo moderno nos gera. O nosso planeta não está girando mais rápido, e nós não despencaremos se resolvermos dar uma pausa para repensarmos nossas rotinas. Ainda que sejamos impelidos a acompanhar uma roda que gira freneticamente, impulsionada por agendas e horários, necessitamos de paradas para respirar, para amar, para ouvir, para abraçar, para viver e... sobreviver.



f @neri.cappellari



Miniconto
O Livro Fantasma



POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

Na penumbra de uma biblioteca esquecida, repousa o enigmático Livro Fantasma, cuja capa surrada e páginas amareladas guardam segredos obscuros.

Cada folha exala aromas de tempos remotos, despertando arrepios e incitando a enfrentar mistérios sombrios e paixões proibidas. Abrindo caminho a um mistério que clama por continuidade

@poetajbwolf

POEMAS

Minha praia



POETA
Edna Lessa

@ednalessa_escritora

Minha praia
Tem som de liberdade
Onde as ondas embalam
Pensamentos dispersos
Que divagam no mar
como sussurros
Presos no secreto

O mar carrega
O medo da vida
E enche de coragem
Os pés que escrevem
na areia sua história
O sol que arde na pele
É silêncio e lembrança

Música e poesia
O céu não tem fronteiras
Gaivotas rodoviária
Como notas no ar
E eu aqui sem pressa
Aprendo com o mar
O dom de esperar

POEMAS

Elegia das Cinzas



POETA
J.B Wolf

@poetajbwolf

Levante teu colo, em pestanas úmidas estás ...
Se foi meu lamento tardio.
Olhe aos céus de empoeiradas cinzas,
grito em alma empunhada,
vigora agora minha inútil certeza.

Ah! Tempo, o que fiz em mim por agora?
Ainda guardo teu cheiro, tua sombra deitada
sobre mim,
lágrimas eclipsam! Cego, caminho em teu
átrio,
buscarei em ti, minha fuga e esperança.
Lástima tristeza, preencha meus olhares...

Ouvidos só escutam epicédios lacrimosos,
Vozes me perturbam à aflição.
Não há tempo de sepultos de minhas faltas,
uma estife pesa minha própria agonia.

Sangra e crava teu epitáfio tua mera
verdade.

Plangente coração, necrópole do meu ser...
Crema minha saudade, salva-me de meus
remorsos.

Não há mais tempo em vida,
Nem em meus soluços de razões,
Do que valem por outrora?
Aqui jaz minha ignorância...

Sopra-me Calino tua melancolia,
parvo e tolo conservei,
Regenera Minh'alma aturdida,
cante meu treno, esvazie em mim teu corpo,
toca-me em abraços e arrependimentos,
Dai-me exíguo momento, e diga-me como
hei de morrer...

POEMAS

Dança Velada



POETA
Arcely Soares

@ms_arely

Anseio por surpresas;
Se desta teia da vida
Não há tanto
O que esperar;
Ecoa a voz dos outros;
Que não espelha o que penso!
Tecem-se os atos alheios;
Não os fios que eu traço!
Em apenas um sopro
Buscarei o alvorecer
Em uma alma surpreendida;
Pois em meu peito coleciono
Um mar de decepções.
No desassombro do não esperar,
Mais desvelo
Alegorias para o viver
Então, quem sabe poderei cantar.
Que segredos a vida tece?

Ela é um só lampejo
Em infinitos pontos de partidas
Pelos passos que tracejo.

POEMAS



POETA
Lilian Barbosa

@amagoreflexivo

Minhas palavras passeiam pelo teu corpo...
Tocam-te, livremente
Adentram a tua mente
E, mesmo que eu não as transcreva...
Escuta-as!
Audível se torna tudo o que não digo
E, talvez, até...
O que hei de ter vontade de dizer

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 31ª edição Maio e Junho



PÁGINAS DE PEDRA:
"A arquitetura e o legado das grandes bibliotecas"

Clique aqui para baixar

Em Processo Editorial - 32ª edição Julho e Agosto
Lançamento dia 20 de Julho



SOB OS VENTOS DO NORTE:
"A arte nas Culturas Nórdicas"

Clique aqui para acessar

Editais Abertos - 33ª edição Setembro e Outubro
Término dia 20 de Julho



ENTRE OS TONS DO NORDESTE:
"Olhares artísticos do Sertão."

Clique aqui para acessar

Site da Revista The Bard

Clique aqui para acessar

Editais Abertos

Clique aqui para acessar

Instagram

Clique aqui para acessar

Canal no Instagram

Clique aqui para acessar

LITERATURA

O Papel do Audiobook na Revalorização de Clássicos Literários



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

Com a nova era batendo à porta e, sem recepção, sentando-se à mesa, o tempo parece se dissolver antes que alguém consiga abrir um livro. Não há silêncio! Não há pausa! Se excede trinta segundos, já é tarde demais! O mundo gira no compasso frenético das telas, e os olhos, fatigados de tanta luz artificial, já não se debruçam sobre páginas amareladas como antes.

“Como a tecnologia devolve vida e voz aos grandes mestres da literatura.”



Contudo, eis que surge uma fresta! Um sussurro no meio do caos! As palavras, antes presas entre capas, agora respiram no ar. O som das páginas ganha vida, e os clássicos, tantas vezes esquecidos nas estantes, encontram novos caminhos para chegar a nós. Não mais por



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.LAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/06/2025"

olhos que correm apressados, mas por vezes que contam, que interpretam, que devolvem à literatura seu tom de encantamento!

Quem diria que um romance do século XIX poderia soar tão atual quando narrado com emoção? Que os versos de uma poeta distante atravessariam séculos para tocar um coração inquieto nos dias de hoje? Os audiobooks não são apenas um formato alternativo, são a ressurreição de histórias que merecem ser ouvidas! Eles resgatam a musicalidade das palavras, a cadência da escrita, o pulsar da narrativa! Quem escuta um clássico em áudio não apenas lê, sente!

O metrô vira biblioteca. A caminhada se transforma em um salão de declamação. O cansaço dos olhos já não impede ninguém de se perder na poesia de Emily Dickinson, de sentir a força das palavras de Virginia Woolf ou de visitar os mundos de Clarice Lispector! De repente, os clássicos voltam a ser companhia, como se sempre estivessem esperando esse chamado!

A mesma imersão acontece ao se viajar com Dom Quixote, ao se perder nos labirintos filosóficos de Dostoiévski ou ao sentir o peso da escuridão gótica que um certo corvo jamais deixou repousar. Vozes emprestam nova profundidade a essas histórias, tornando-as ainda mais vibrantes! A literatura, que antes dependia exclusivamente da visão, agora se revela pelos ouvidos, transformando a experiência de leitura em algo sensorial, imersivo e inesquecível!

Mais do que acessibilidade, os audiobooks oferecem reinvenção! Eles dão voz a personagens que, por muito tempo, foram lidos apenas em murmúrios internos. Eles ressignificam a relação entre o leitor e a obra, permitindo que cada inflexão, cada pausa e cada entonação adicionem uma nova camada de interpretação. Quem escuta um clássico em áudio não apenas lê, sente! E sentir é o que mantém a literatura viva!

Além disso, há algo de ancestral nesse resgate da oralidade! Antes de os livros serem impressos, as histórias eram transmitidas de boca em boca, viajando entre gerações por meio da palavra

falada. Hoje, os audiobooks fazem o caminho inverso: retiram a literatura da imobilidade das prateleiras e a devolvem à fluidez da voz humana! O contador de histórias, que um dia parecia relegado ao passado, ressurge, agora embalado pela tecnologia.

Não, os livros não perderam espaço! Eles apenas aprenderam a falar de outra forma! E para aqueles que diziam que os clássicos estavam mortos, um aviso: basta ouvi-los para perceber que eles nunca estiveram tão vivos!



O Futuro Sonoro da Literatura:

Reimaginando os Clássicos na Era Digital

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

A inteligência artificial está revolucionando os audiobooks, transformando a experiência de ouvir uma história em algo imersivo e sensorial. Hoje, não se trata apenas de escutar uma voz lendo, mas de vivenciar narrativas que se moldam ao ouvinte. Graças aos avanços tecnológicos, é possível recriar vozes com realismo impressionante, incluindo timbres históricos e interpretações emocionais que intensificam o envolvimento com a obra.

A IA também rompe barreiras linguísticas, permitindo que um mesmo livro seja ouvido em diferentes idiomas, mantendo estilo e tom. Além disso, sons ambientes e trilhas sonoras criadas automaticamente dão vida aos cenários descritos, como o estalar de espadas ou o sussurro do vento, mergulhando o ouvinte no universo da narrativa.

Outro avanço promissor é a interatividade: o ouvinte pode tomar decisões que alteram o rumo da história ou até mesmo interagir com personagens controlados por IA. A experiência torna-se personalizada, com narrações adaptadas ao humor, momento do dia ou preferências individuais.

Mais do que uma inovação tecnológica, esses recursos representam uma nova forma de se conectar com a literatura. Os audiobooks deixam de ser apenas uma alternativa prática à leitura e se tornam um reencontro sensorial com as histórias. Com a inteligência artificial, não apenas ouvimos livros — nós os vivemos. E nesse novo cenário, a literatura encontra maneiras inéditas de sobreviver, emocionar e permanecer.

@poetajbwolf



Clássicos do Mundo - Resenha

O conde de Monte Cristo - BOX GÊNERO - Resenha

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



FAZER DOWNLOAD

“Uma Obra que Transcende o Tempo”

Poucas histórias têm o poder de atravessar gerações, desafiar nossas convicções e ainda manter a capacidade de nos tirar o fôlego. O Conde de Monte Cristo é uma dessas joias. Publicado em 1844 por Alexandre Dumas, não é apenas um romance de aventura,

mas uma profunda análise da alma humana, nos levando por uma montanha-russa de vingança, redenção e os limites do que podemos chamar de justiça. Mesmo quase dois séculos depois, a obra continua a capturar os leitores como uma tempestade que não pede licença para entrar.

Logo nas primeiras páginas, somos apresentados a Edmond Dantès, um jovem marinheiro cheio de vida, sonhos e um futuro brilhante pela frente. Mas o mundo nem sempre recompensa a inocência. Acusado injustamente e jogado em uma prisão sombria, ele conhece o tipo de escuridão que desfaz até mesmo as almas mais fortes. Durante 14 anos no Château d'If, algo em Edmond morre, mas algo maior e mais perigoso começa a nascer. Ele escapa, encontra um tesouro e emerge renascido como o enigmático Conde de Monte Cristo. Não apenas poderoso e infinitamente rico, mas também movido por um propósito assustador: a vingança.

O que torna a história tão hipnotizante não é a busca de Edmond por justiça, mas a transformação brutal que ele atravessa ao longo do caminho. Dantès começa como um jovem essencialmente bondoso, quase ingênuo, mas a traição o molda em algo diferente. Ele se torna um estrategista frio, calculista, quase sobre-humano em sua capacidade de mover as peças do tabuleiro da vida daqueles que o destruíram. Você torce por ele, ao mesmo tempo que sente o peso sombrio de suas ações. Isso nos leva a uma pergunta inquietante, quase visceral: até onde iríamos se estivéssemos no lugar dele?

Mas Edmond não é a única alma brilhante

desse relato. Dumas preenche o mundo de Monte Cristo com personagens que, por si só, poderiam carregar suas próprias histórias. Haydée, a escrava grega resgatada por ele, é uma figura de lealdade comovente, alguém que traz humanidade à frieza do homem que a salvou. O Abbé Faria, companheiro de Edmond na prisão, é o mentor que planta nele não apenas conhecimento prático, mas também a semente da ideia de que mudança e reinvenção são possíveis. E Mercédès, o grande amor de Dantès, é o lembrete doloroso de que a vingança cobra um preço alto, não apenas de quem a busca, mas de quem é amado por ele.

Por trás das reviravoltas empolgantes da trama, reside a verdadeira força de O Conde de Monte Cristo: seus temas universais, aqueles que falam diretamente ao coração humano. A linha tênue entre justiça e vingança é desenhada a cada movimento de Dantès, e o leitor é desafiado a pensar se suas ações são nobres ou se o consomem tanto quanto consumiram seus inimigos. A ideia de que poder não traz felicidade, mas apenas abre novas feridas, é outra constante na narrativa. E, no fim, há redenção — embora lenta, dolorosa e reservada somente àqueles que conseguem encontrar a coragem para abraçá-la.

Dumas escreve com uma graça peculiar. Seu estilo é cheio de vida, com diálogos afiados e descrições tão vívidas que você quase sente o cheiro da umidade sufocante do Château d'If ou ouve a música e os risos nos bailes opulentos de Paris. Sim, alguns capítulos podem parecer longos perto dos padrões modernos, mas cada

cena tem sua razão de ser. É uma construção metódica, quase artesanal, que resulta em uma experiência literária arrebatadora.

Como leitora, confesso que encontrei em Monte Cristo um turbilhão de emoções. Eu torci por Edmond, temi suas escolhas e, no final, senti um misto de admiração e desconforto com sua jornada. A cena em que ele finalmente revela a Fernand quem é o responsável por desmanchar todo seu império é um espetáculo de emoção — uma mistura de glória e tragédia que só um gênio como Dumas poderia criar. Mas o livro também me fez questionar: nós, como seres humanos, somos capazes de julgar com imparcialidade?

Ou há um pouco de Edmond Dantès em todos nós, prontos para reagir com o que temos de mais feroz quando somos feridos?

Por fim, O Conde de Monte Cristo é muito mais do que uma história sobre vingança. É um espelho poderoso da condição humana, refletindo nossos defeitos, nossas dores e nossa busca incansável por significado e justiça. Recomendo esta obra-prima para qualquer pessoa disposta a mergulhar em uma narrativa profunda e cheia de intensidade. Mas deixo um aviso sincero: quando você virar a última página, suas percepções sobre “justiça” e “perdão” talvez jamais sejam as mesmas.

UMA HISTÓRIA SOBRE VINGANÇA



LITERATURA

Distopia e Utopia: Lições dos Grandes Autores Para o Presente.



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

Este texto literário procura, em primeiro plano, trazer uma reflexão sobre inquietações, evidentes quanto ao compromisso do humano e a realidade, em uma conexão realista entre Sapiens e Demes.



Assim, temos a “distopia” como um gênero de narrativa caracterizado pelas condições de vida com experiências opressivas, totalitárias, sem a extraordinária livre expressão. Grandes obras literárias como: 1984 (George Orwell);

Admirável Mundo Novo (Aldous Huxley); Fahrenheit 451 (Ray Bradbury); O Conto da Aia (Margaret Atwood); Laranja Mecânica (Anthony Burgess), abordam temas como controle estatal, opressão, censura e perda de liberdade, são consideradas marcos na literatura distópica e continuam a inspirar artistas, escritores e entusiastas do gênero.

A “distopia” é oposta à ideia de “utopia”. O termo “Utopia”, podendo ser conceituado de vários modos, na medida de sua complexidade e amplitude. Segundo Paulo Denisar Fraga (2016), em seu artigo “Utopia: roteiro de um conceito”, ele é entendido da seguinte forma.

Do grego ou-topos, tradicionalmente vertida como não lugar, lugar nenhum ou inexistente, foi também manifesta, pelo criador do termo, Thomas More, como eu-topos (lugar feliz), podendo apresentar-se, ainda, negativamente, como distopia (lugar de dificuldade ou de privação) ou antiutopia, isto é, negação da utopia (FRAGA, 2016, p. 2).

O inglês Thomas More, na sua obra “Utopia” (1516), escreve uma crítica à sociedade da Inglaterra do século XVI, retratada perfeita, sem conflitos sociais, com igualdades econômicas, sem interferência política ou religiosa. A utopia defendida por Thomas More é como um sonho onde os excluídos são acolhidos, os cidadãos são livres e responsáveis por seus destinos, vivenciando a liberdade e a expressão genuína do “eu”.

Diferente da “distopia”, a utopia, mesmo na adversidade, encontra a esperança, como um sentimento vital de desejos no viver. Não se trata de um mundo idílico, sem defeitos e riscos, mas sim de um mundo mais convidativo e vibrante, em uma sociedade onde conflui no mesmo espaço a ordem e a desordem, indicando que ela é absolutamente dinâmica.

A representação de um lugar com caráter utópico está presente também em “Os Lusíadas”. De Luís Vaz de Camões. Essa obra épica foi publicada pela primeira vez em 1572. Os Lusíadas, ao narrar a história de Portugal, criam um legado de memória e tradição, que serve de inspiração para gerações futuras, um tipo de utopia que se encontra na construção de um futuro baseado no passado. Essa percepção de acontecimentos revela a magia das transformações cotidianas, marcadas por ansiedades, paixões, medos e outras emoções.



George Orwell, nascido em 25 de junho de 1903, em Motihari, na Índia Britânica, conhecido por suas distopias “1984” em “A Revolução dos Bichos”, critica os regimes totalitários que permanecem extremamente relevantes até os dias atuais. O autor era favorável ao socialismo democrático; portanto, tornou-se um dos maiores críticos do socialismo russo, de cunho totalitarista, foi um escritor, jornalista e crítico literário britânico, amplamente reconhecido por suas obras que abordam temas como a injustiça social, o totalitarismo e a opressão política.

Assim, George Orwell era a favor da democracia, defensor do pensamento livre e um crítico do capitalismo. O que se constata, hoje, é que, precisamos dessas inspirações para o pensamento humano em direção à construção



IMAGEM GERADA POR IA “usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/06/2025”

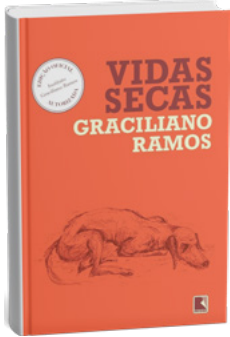
e reconstrução de cidadanias que encontrem soluções aos problemas que nos afligem, tanto no que se refere às condições sociais, como ambientais, também, à capacidade de utilização dos recursos científicos e tecnológicos por grande parte da população.

Thomas More, escritor, humanista, estadista e mártir, tem a sua obra-prima, publicada em 1516, que é um diálogo filosófico, apresentando uma sociedade ideal, governada pela justiça, continua a ser uma inspiração para todos que buscam defender seus valores. Nessa obra, Thomas More, narra a descrição feita pelo personagem Rafael Hitlodeu, a respeito de uma sociedade em que viveu por cinco anos, situada em uma ilha com o nome de “Utopia”. Um ideal de perfeição, em que todo conflito é extinto. Por influência dessa obra, a racionalidade humana reconhece o tecido

imaginário/simbólico que estimula a tecelagem da realidade. Não existem conclusões, para a desumanidade da humanidade, há, sim, um eterno movimento transmutável.



Indicação de leitura

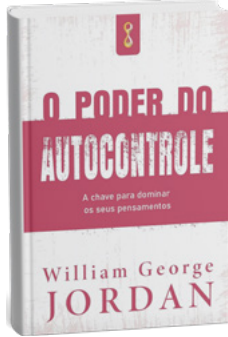


"Vidas Secas de Graciliano Ramos"

Lançado originalmente em 1938, Vidas secas retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. O pai, Fabiano, caminha pela paisagem árida da caatinga do Nordeste brasileiro com a sua mulher, Sinha Vitória, e os dois filhos, que não têm nome, sendo chamados apenas de “filho mais velho” e “filho mais novo”. São também acompanhados pela cachorrinha da família, Baleia, cujo nome é irônico, pois a falta de comida a fez muito magra.

Vidas secas pertence à segunda fase modernista da literatura brasileira, conhecida como “regionalista” ou “romance de 30”. Denuncia fortemente as mazelas do povo brasileiro, principalmente a situação de miséria do sertão nordestino. É o romance em que Graciliano alcança o máximo da expressão que vinha buscando em sua prosa: o que impulsiona os personagens é a seca, áspere e cruel, e paradoxalmente a ligação telúrica, afetiva, que expõe naqueles seres em retirada, à procura de meios de sobrevivência e um futuro.

Indicação de leitura



"O poder do autocontrole de William G. Jordan"

Descubra o segredo do autocontrole. Este livro foi selecionado por estudiosos como um verdadeiro artefato histórico, sendo culturalmente importante, e faz parte da base de conhecimento da civilização ocidental e da história dos EUA como a conhecemos. Esta obra foi reproduzida a partir do artigo original e permanece a mais fiel possível a sua fonte de origem. O homem tem dois criadores: seu Deus e ele mesmo. Seu primeiro criador fornece-lhe a matéria-prima de sua vida e as leis em conformidade com as quais ele pode fazer dela o que quiser. Seu segundo criador – ele mesmo – tem poderes maravilhosos que raramente percebemos. O que conta é o que o homem faz de si mesmo. Quando falhamos na vida, normalmente nos vem à mente: "Eu sou como Deus me fez". Mas quando conseguimos algo, orgulhosamente assumimos que chegamos até ali sozinhos. O ser humano é colocado neste mundo não como uma finalidade, mas como uma possibilidade.

Editora Valletti Books

PUBLIQUE SEU LIVRO COM QUALIDADE E ECONOMIA! A MELHOR OPÇÃO PARA REALIZAR SEU SONHO. PACOTE PROMOCIONAL

- 100 livros em preto e branco
- Até 120 páginas
- Formato 14,8 x 21 cm
- Capa colorida com orelha de 7 cm
- Prova do livro gratuito

- Mockups
- Divulgação + Vídeo Lançamento
- R\$ 2.100,00 - Entrada de R\$ 600,00
- + 3x de R\$ 500,00 no cartão
- Válido até 12/2025

GARANTA SUA PUBLICAÇÃO AGORA!

Seu livro merece ser publicado com qualidade e visibilidade! Na **Valletti Books**, oferecemos tudo o que você precisa para lançar sua obra dos sonhos: prova gratuita, mockups profissionais, divulgação e até um vídeo de lançamento! Tudo isso por apenas **R\$ 2.100**. Entre em contato pelo Instagram **@vallettibooks** ou acesse **vallettibooks.com.br** **Mas atenção:** promoção válida até dezembro de 2025! **Não perca essa oportunidade única.**

CULTURA

Etiqueta feminina?

Eu, etiqueta. São mensagens, letras falantes, gritos visuais... Carlos Drummond de Andrade



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinoss básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

A obra The Ladies' Book of Etiquette and Manual of Politeness, cuja primeira versão data de 1860, é uma importante referência às práticas de comportamento no século passado. Se lida com um olhar crítico, é possível inferir que a atualidade dos assuntos permite dizer que muito do que explica permite considerar o seu texto como um objeto de estudo "canônico". Embora o contexto social esteja alterado em diversas instâncias, muitas referências trabalham o princípio da empatia para os relacionamentos.

Vale dizer que, como toda obra, deve ser lida em seu contexto de produção. O texto do início do século XIX reflete as convenções vigentes. Por exemplo, no capítulo sobre a etiqueta nas comunicações, orienta-se que as damas nunca questionem sobre o trabalho dos homens, pois junto das mulheres é comum que eles só queiram conversas recreativas, sem ter de retomar seu dia de trabalho. Se lida na atualidade, dissociada de seu contexto social de produção e, portanto, de forma anacrônica, o conjunto de orientações pode ser interpretado como um manual orientado por convenções ultrapassadas e até misóginas. Por exemplo, tratar as condutas femininas de maneira a orientá-las para que pouco incomodem seus



IMAGEM GERADA POR IA "usando FLUX PRO, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/06/2025"

parceiros, ou ainda "se comunicar de maneira natural, sem demonstrações de afetação" podem soar como conselhos pouco úteis na atualidade.

Ainda entendida como um rol de protocolos a serem cumpridos em determinadas situações e contextos sociais, a etiqueta já não é vista como um padrão de comportamento a ser reproduzido e cumprido sem variações. A adequação ao contexto extrapola o engessamento de regras e atribui plasticidade às atitudes individuais vividas em sociedade.

As regras de etiqueta atualmente parecem diretamente conectadas às etiquetas publicitárias de que trata o poema de Drummond. Isso porque para uma mulher, ser elegante e adequada pode parecer um conceito diretamente associado às condições financeiras, que permitem investir em contínuas melhorias para a aparência.

Diferente dessa ideia e dissociada exclusivamente de bens materiais, o que de fato define "etiqueta" atualmente é o conforto,

a praticidade e a adequação ao contexto, além de "viver com harmonia o presente, de modo a espalhar conforto e bem-estar ao nosso redor", conforme explica Cláudia Matarazzo em sua obra Etiqueta sem frescura. Contudo, os conceitos de naturalidade e de discrição permanecem em voga, como em "uma dama nunca está tão bem vestida do que quando não nos lembramos o que ela usava."

Mais do que estratégias de aparência pessoal, entende-se que as regras de etiqueta canônicas (aquelas que nunca perderam nem perderão sua validade com o passar dos anos) são as que garantem o bom relacionamento social. Por exemplo, em tempos de cyberbullying e de discursos de ódio, torna-se muito útil a máxima de que "ser rude nunca conduz à gentileza do interlocutor."

Seja entre muitas pessoas, seja no antigo "tête-à-tête" ou atual "one-on-one", o respeito nunca cai de moda e eterniza-se no "expressar-se com originalidade e escutar de forma ativa".

GÊNERO - CONTO

O Café Passagem

Por J.B Wolf



Há exatos sete domingos, Luísa observava o homem da mesa do canto. Sempre o mesmo ritual: ele chegava às 10h12, pedia um café sem açúcar e um copo d'água, abria um caderno de capa preta e escrevia ininterruptamente por uma hora e dezessete minutos.

O Café Passagem não era especialmente charmoso ou famoso. Ficava numa esquina discreta do centro antigo, com suas mesas de madeira escura e cadeiras desparelhadas. Talvez fosse justamente esse anonimato que atraísse pessoas como eles – frequentadores de domingo que buscavam um lugar onde o tempo parecia fluir em outro compasso.

Naquele oitavo domingo, algo mudou na rotina de Luísa. Em vez de se sentar à mesa habitual junto à janela, caminhou decidida até o homem do caderno.

Posso me sentar? perguntou, surpreendendo a si mesma com a própria ousadia.

Ele ergueu os olhos – castanhos, profundos – e sorriu como se a esperasse há muito tempo.

Estava me perguntando quando você viria, respondeu, fechando o caderno.

Luísa sentiu um arrepio. Você me notou?

Todos os domingos. Mesa junto à janela. Chá de jasmim. Livro diferente a cada semana.

O garçom trouxe o chá que ela nem precisou pedir. Quando se afastou, o homem estendeu a mão.

Daniel.

Luísa.

Eu sei, ele disse, com uma familiaridade desconcertante.

Como poderia saber?

Daniel abriu o caderno e o virou para ela. Nas páginas, Luísa viu seu próprio nome escrito dezenas de vezes, em diferentes caligrafias, como se ele estivesse praticando a assinatura de outra pessoa.

Isso deveria me assustar, ela disse, mas não sentia medo.

Provavelmente.

Por que meu nome?

Daniel hesitou, como se escolhesse cuidadosamente as palavras.

Você acredita em vidas passadas, Luísa?

Ela nunca havia pensado seriamente sobre isso. Não sei.

E em vidas futuras?

A pergunta a pegou desprevenida. Daniel continuou:

Venho aqui todos os domingos há três anos. Escrevo sobre uma mulher chamada Luísa que conheceria num café. Sete semanas atrás, você apareceu.

Isso é impossível.

Concordo.

O silêncio que se seguiu foi preenchido pelo barulho das xícaras e conversas distantes. Luísa deveria levantar-se e sair. Qualquer pessoa sensata faria isso. Em vez disso, perguntou:

Posso ver o que escreveu?

Daniel empurrou o caderno em sua direção. Luísa começou a ler e sentiu o mundo ao redor desaparecer. As páginas descreviam detalhes de sua vida que ninguém poderia saber – o ponto de nascer atrás da orelha esquerda, o medo de trovões, a coleção de miniaturas de faróis escondida em uma caixa de sapatos.

Mas havia mais. O caderno continha cenas de uma vida que ela ainda não vivera – uma viagem a Lisboa, um apartamento com vista para o mar, uma filha chamada Clara.

Como...? ela começou, sem conseguir formular a pergunta completa.

Não sei, Daniel respondeu com sinceridade. Só sei que escrevo o que vejo, e vejo o que ainda não aconteceu.

Luísa fechou o caderno e o devolveu. Suas mãos tremiam levemente.

E agora?

Daniel sorriu novamente, aquele sorriso que parecia conhecer segredos do universo.

Agora pedimos outro café. E deixamos o tempo decidir se sou um louco com sorte ou se há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha nossa filosofia.

Luísa assentiu. Afinal, era domingo. E domingos sempre foram feitos para possibilidades.

@poetajbwolf

K-LIT: A Onda Pop Coreana na Literatura atual e a conquista do público ocidental



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.

@marianapacheco.mp

de conexão entre tecnologia e estratégias comunicacionais, onde o soft power circula as redes sociais, conquistando fãs para a Coreia do Sul através dos produtos midiáticos K-Pop, K-dramas, K-food, K-Beauty, K-fashion. Além disso, a Hallyu é uma grande marca guarda-chuva, onde um produto se conecta com outro. Você está assistindo a um K-drama e logo fica com vontade de comer o mesmo que seu personagem favorito; ou a busca cada vez maior pelo aprendizado do idioma coreano pelos seguidores dessa onda.

E um novo produto foi recém-nomeado para esta marca: o K-Lit, que representa as obras literárias atuais em expansão de consumo e tradução. A atenção começa por indicação de ídols de K-pop – como foi no caso da obra "Amêndoas", da autora Sohn Won-Pyung, apresentada aos fãs de BTS pelos membros

RM e Suga (Veja, 2023) – e depois atrai para leituras mais profundas, como é o caso das obras de Hang Kang, vencedora do Nobel, que aborda críticas sociais e históricas da Coreia do Sul.



Ainda assim, tanto "A Vegetariana" (Hang Kang) quanto "Amêndoas" foram trazidas aos leitores ocidentais graças a um trabalho estratégico da indústria cultural sul-coreana, começando pelo escritório KWave (adjunto

do Literature Translation Institute of Korea), que facilita a tradução, publicação e exportação de obras sul-coreanas interessantes ao mercado internacional, apresentando inclusive aquelas disponíveis para aquisição de direitos de publicação para editores internacionais através do seu portal digital.

Ou seja, há mais uma força pelo Ministério de Cultura, Esporte e Turismo da Coreia do Sul em promover uma onda pop literária – e até o momento, tem sido um plano bem-sucedido, como foi possível ver no stand da editora Rocco na Bialnal do Livro de 2024 em São Paulo: a editora, que sempre reforçava sua relação com os títulos de Harry Potter, mudou totalmente para colocar seus compradores na livraria de "Amêndoas". Uma pequena demonstração de que o mercado editorial também está sentindo esse tsunami, e não pode deixar de surfar nele.

Mas, além do capital simbólico da literatura sul-coreana, que vem querendo se colocar como dominante e competitiva em regiões distantes (Salgado; Doretto, 2022), O K-Lit também tem aberto possibilidades de outros pontos de vista para o público, desde um alívio diário em livros do gênero de Conforto ou Cura, até recontar e visibilizar o passado pelos romances históricos. E, com isso, cada vez mais o público respeita e reconhece a identidade sul-coreana e seu estilo de escrita singular e acessível para o mundo.

E a vitória do Nobel de Literatura foi apenas um exemplo de quão ambiciosa a indústria cultural sul-coreana tem sido em seu investimento na exportação e reconhecimento deste produto K-Lit. É a construção milimetricamente planejada da imagem intelectual do país, influenciando sobre a identidade nacional projetada fora de casa, revisando o passado e conquistando o presente. Continuemos de olho para ver o que o futuro guarda para a Coreia do Sul – particularmente, creio que apenas começamos a ver o melhor do país asiático e ainda há muito para descobrir e ler.



A arte de ler

IMAGEM GERADA POR IA "usando FLUX PRO, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/03/2025"

Em 10 de outubro de 2024, a Coreia do Sul comemorava a vitória da autora Han Kang do Prêmio Nobel de Literatura – a primeira sul-coreana, aliás, a receber este prêmio, se tomando um marco para seu país (G1, 2024). Porém, não podemos negar que alcançar o Nobel se deve a um processo de divulgação da literatura sul-coreana, em que cada título escalou a visibilidade entre os leitores e críticos.



O sucesso do movimento cultural da Onda Pop Coreana – também conhecida como Hallyu – não é um mero acaso, mas resultado

CULTURA

Culturas Plurais no Brasil:
A Riqueza da Diversidade Cultural Brasileira

Uma jornada pelas cinco regiões do país e suas manifestações culturais únicas



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

As manifestações culturais são essenciais para fortalecer a identidade e a memória coletiva de uma comunidade, representando a história, os costumes e os valores de gerações. Por meio disso, as pessoas reafirmam seu pertencimento a um grupo social e mantêm vivas suas tradições, observadas em diversas esferas: na arte, na música, na literatura, nos rituais religiosos, festas populares e em outras formas de arte promovendo espaços de interação e troca entre diferentes gerações, além de incentivar o respeito à diversidade, ao diálogo intercultural e à inclusão.



Os povos ao festejarem suas tradições, fortalecem seus laços, edificando uma sociedade mais justa, além de cooperar para a construção de um mundo mais rico e plural. Dessa forma, tomam-se fundamentais para o desenvolvimento cultural e social.

A cultura brasileira é caracterizada pela sua grande diversidade, numa composição plural de culturas, que refletem a história e as características ricas e complexas de cada região do país, desenvolvidas ao longo do tempo.

Para entender as diferentes manifestações culturais no Brasil, é preciso conhecê-las em cada região que compõe o país.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Leonardo ia, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 15/06/2025"

Na Região Norte, alguns elementos culturais são caracterizados pela influência da cultura indígena, a saber:

Festival Folclórico de Parintins: manifestação cultural do estado do Amazonas, que ocorre no município de Parintins, criado em 1965, considerada a maior festa de boi-bumbá do país, e desde 1966 é palco da disputa entre o Boi Garantido e o Boi Caprichoso.

O Círio de Nazaré: festa católica, celebrada no segundo domingo do mês de outubro, desde 1793, reconhecida como patrimônio cultural da humanidade pela UNESCO.

Na culinária, a paraense é reconhecida internacionalmente com os seus famosos peixes de rio, como o pirarucu e o filhote; o tucupí, caldo extraído da mandioca-brava; a castanha-do-pará e o açaí. E na música, com os ritmos da região: carimbó, lundu, marujada, marabaixo, lambada, guitarrada e tecnobrega.

Na Região Nordeste, composta por nove estados, possui uma vasta produção artística e as mais tradicionais são:



O Carnaval, festa tradicional em todo o país, entretanto, assume uma maior presença em algumas cidades nordestinas. Em Salvador (Bahia), com os famosos trios elétricos que arrastam milhões de pessoas na rua ao som do ritmo conhecido no país como "axé music"; em Recife (Pernambuco), com blocos embalados pelo frevo e o maracatu; e em Olinda (Pernambuco), com seus ritmos tradicionais, conta com os famosos bonecos gigantes, que retratam pessoas conhecidas da cidade e da cultura popular.

Uma das mais tradicionais manifestações culturais do Brasil, é a Festa de São João, conhecida como "Festa Junina", que acontece em Campina Grande (Paraíba) e em Caruaru (Pernambuco), ao ritmo do forró e de grupos de quadrilha.

A culinária nordestina é famosa por pratos como: cuscuz, canjica, vatapá, caruru, baião de dois, buchada de bode, acarajé, etc; e na música, os principais ritmos são: axé, frevo, maracatu, forró, samba de roda, xaxado, xote, entre outros.

A Região Centro-Oeste possui uma tradição folclórica e da cultura pantaneira e é conhecida por sua cultura ligada à terra e à produção agropecuária. Entretanto, sua principal manifestação é a religiosa:

Festa do Divino Espírito Santo, é uma celebração de doze dias, no domingo de Pentecostes, que ocorre na cidade de Pirenópolis (Goiás). Nela, acontece a coroação do Imperador do Divino, sorteio realizado entre os habitantes da cidade. Esta festa é marcada pela união da cultura tradicional e folclórica com a tradição religiosa da igreja católica.

Na culinária, tem os pratos como a galinhada com pequi (fruta muito comum na região), de peixes de rio, como o pintado, o dourado e o empadão goiano. Na música, a região é famosa pela música sertaneja.

A Região Sudeste é a região mais populosa do país, marcada por uma grande diversidade cultural estimulada pelo grande fluxo migratório. Tem uma das maiores manifestações culturais do Brasil.

O Carnaval, uma festa com seus tradicionais blocos, e desfiles das escolas de samba, com a participação de milhares de integrantes em cada uma das agremiações.

A Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, ocorre na cidade de Barretos (São Paulo), e é a principal de muitas festas com a temática do rodeio e da cultura agropecuária.

Destaca-se na culinária, a cozinha mineira e seus produtos tradicionais, como o queijo minas e o pão de queijo, além da moqueca capixaba, o virado à paulista e a feijoada carioca. Na música, destacam-se o samba, a bossa nova, o funk e o rap.

A Região Sul, com forte influência da imigração europeia do século XX, possui características adquiridas com os países vizinhos, principalmente, Argentina e Uruguai. Suas principais manifestações culturais são:

Oktoberfest, festa da cerveja, de tradição alemã, comemorada em várias cidades, como Blumenau (Santa Catarina), considerado o maior festival da cerveja do país, que ocorre no mês de outubro, representando uma mistura das tradições alemãs e de elementos da cultura brasileira.

Pelo cultivo de uma grande variedade de uvas, a Festa Nacional da Uva, em Caxias do Sul (Rio Grande do Sul), comemorada a cada dois anos, é realizada desde 1932 quando a tradição italiana chegou à Serra Gaúcha, com os imigrantes.

Além da qualidade dos vinhos e espumantes produzidos na região, o tradicional churrasco gaúcho destaca-se na culinária, além do consumo do chimarrão, erva-mate e água quente, tomado na cuia e comumente compartilhado. Na música, sobretudo no Paraná, o fadango e o vaneirão são os ritmos tradicionais.

Estas celebrações de saberes, além de centenas de outras festas compõem o rico universo da cultura popular brasileira, que ocorrem durante todo o ano nas mais diversas e distantes localidades do país.

Há de se considerar também que a cultura popular é composta por tradições e costumes de uma região, enquanto a cultura de massa é produzida pela indústria cultural com o intuito de gerar lucro, pois é projetada para apelar a um público amplo, muitas vezes recorrendo a fórmulas testadas e atraentes comercialmente, o que pode contribuir para a padronização cultural e a perda da diversidade, promovendo um modelo de sociedade baseado no consumo e na passividade.

Esse processo transforma a festa em um evento de marketing turístico, econômico, social, cultural e político, distanciando-se das suas origens e questionando a aplicabilidade das noções de tradição e cultura popular nesse novo contexto.



RESENHA LITERÁRIA
A Revolução dos Bichos - George Orwell
Por J.B Wolf

George Orwell escreveu "A Revolução dos Bichos" como uma fábula política que, sob sua aparente simplicidade, esconde uma crítica feroz ao totalitarismo e à corrupção do poder. Publicado em 1945, o livro usa a alegoria para retratar a ascensão do comunismo na União Soviética e sua degeneração sob Stalin. No entanto, sua mensagem transcende esse contexto histórico, aplicando-se a qualquer regime autoritário que manipula ideais para justificar sua tirania.

A história se passa em uma fazenda onde os animais, liderados pelos porcos, se revoltam contra os humanos, buscando uma sociedade mais justa e igualitária. Inicialmente, eles estabelecem princípios coletivos e organizam sua nova ordem com entusiasmo. Porém, à medida que os líderes assumem mais controle, os valores da revolução são distorcidos. O lema original, "Todos os animais são iguais", é modificado para "Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros", ilustrando como as elites consolidam seu domínio sob falsos pretextos de igualdade.

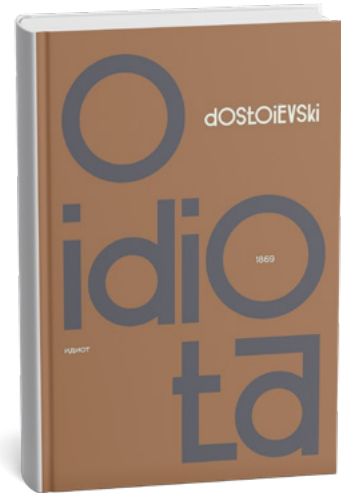
Orwell emprega uma escrita objetiva e acessível, tornando a obra compreensível tanto para leitores iniciantes quanto para estudiosos da política. A genialidade do



livro reside na maneira como ilustra a degradação do poder sem necessidade de discursos complexos. A narrativa é curta, mas seu impacto é imenso, pois denuncia mecanismos de dominação que se repetem ao longo da história.

Mais do que uma crítica ao stalinismo, "A Revolução dos Bichos" é um alerta universal sobre a fragilidade dos ideais democráticos diante da ganância e da manipulação política. Orwell demonstra como a história pode ser reescrita pelos vencedores, fazendo de sua obra um clássico atemporal e indispensável para a compreensão das estruturas de poder na sociedade.

Indicação de leitura



"O idiota de Fiódor Dostoiévski"

O idiota é uma das obras mais comoventes de Fiódor Dostoiévski. Abstrusa para os contemporâneos do escritor, mas atual e compreensível para quem a conhecer em nossos dias, ela conta a história de um jovem aristocrata russo que se atreve a defender o sublime ideal humanista numa sociedade regida pelas leis do livre comércio. Ovelha negra da alta-roda de São Petersburgo, o príncipe Míchkin é tachado de idiota em virtude das suas qualidades morais e acaba perdendo de fato o juízo. Sua imagem de mártir e visionário, inspirada na do magnífico Dom Quixote de Cervantes, fica interiorizada pelo leitor; seu trágico fim leva-o a perguntar a si mesmo onde termina a loucura e começa a santidade do protagonista e, consequentemente, a repensar o próprio conceito daquilo que pode ser objeto de compra e venda no conturbado âmbito das relações humanas. Revisão técnica e notas da tradução por Oleg Almeida (escritor e tradutor bielorrusso).

FAZER DOWNLOAD

EDUCAÇÃO

Educação emocional: A base para um aprendizado eficiente

EDUCAÇÃO - Como a inteligência emocional revoluciona a educação e prepara estudantes para os desafios da vida

VISÃO - Entenda como a educação emocional está transformando escolas e estudantes



Por **Juliana Denise**
COLONISTA

Doutoranda em Psicologia Clínica, Mestra em Psicologia da Saúde, Neuropsicóloga Clínica, Analista do Comportamento e Psicóloga pela Universidade Federal de Alagoas.

@julianadenise19

Vivenciamos atualmente a ressignificação de muitos conceitos, dentre eles o de aprendizagem, que durante muito tempo esteve relacionado apenas a aquisição de conteúdos formais. Com a expansão da Psicologia em interface com a educação, se desenvolveu um olhar para as múltiplas inteligências, os processos de estimulação cognitiva e para a infinidade de processos internos e externos que envolvem a aprendizagem.

Partindo desse pressuposto, os conceitos relacionados a inteligência emocional ganharam visibilidade mundialmente a partir da teoria de Daniel Goleman na década de 90. Amplamente difundida, essa teoria passou a ser incorporada a diversas áreas de saber, contribuindo para a construção de políticas públicas voltadas para a educação e o desenvolvimento social.

No Brasil a teoria da inteligência emocional foi o principal referencial teórico-metodológico para a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é considerada o documento de caráter normativo, responsável por definir o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica.

Precisamos refletir que a educação emocional desempenha um papel social fundamental, defendendo uma formação humana integral, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. Quando existe um ambiente propício para o desenvolvimento da inteligência emocional, o indivíduo torna-se capaz de reconhecer, compreender e gerenciar as próprias emoções, além de reconhecer e influenciar as emoções de outras pessoas.

Essas habilidades são fundamentais na vida pessoal, escolar e profissional, pois permitem que as pessoas se tornem capazes de administrar



IMAGEM GERADA POR IA "usando STABLE DIFFUSION, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/07/2025"

de maneira mais eficaz situações adversas, transformando-as em experiências construtivas e que proporcionarão o amadurecimento emocional que será o diferencial na qualidade de suas relações interpessoais.

O aprendizado eficiente vai muito além de um processo de aquisição de conhecimentos, ele consiste no desenvolvimento de estratégias assertivas que proporcionem o ganho de habilidades e possam ser aplicadas de forma significativa na vida real, de forma eficiente e duradoura. Dessa forma, entende-se que a educação emocional e a aprendizagem

estão intimamente interligadas, pois ao reconhecer e gerenciar as próprias emoções, o indivíduo consegue melhorar seu desempenho, fortalecer sua memória, tomar decisões mais assertivas, sendo esses processos atrelados ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais que são importantes para o sucesso na escola e na vida.

O grande desafio para as políticas públicas de educação é fazer com que as escolas invistam nas competências cognitivas/acadêmicas e nas competências socioemocionais, que beneficiam o estudante em vários âmbitos, desde o seu

desempenho escolar, até a responsabilidade de contribuir para a manutenção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ao desenvolver e praticar essas competências, os estudantes estão em busca de sua autonomia e protagonismo. É a escola preparando a juventude e promovendo aprendizagens que auxiliarão nos diversos desafios da contemporaneidade, além de estarem associadas a melhores indicadores de bem-estar, empregabilidade, relações interpessoais saudáveis, qualidade de vida e adaptação ao cotidiano e a novas situações.

Homeschooling no Brasil: Entre a Liberdade Educacional e os Desafios da Socialização

“O crescimento silencioso de uma revolução educacional que desafia paradigmas tradicionais”

Por **J.B Wolf**
EDITOR CHEFE

Homeschooling, ou educação domiciliar, representa uma das transformações mais significativas no panorama educacional contemporâneo. No Brasil, embora ainda careça de regulamentação específica, esta modalidade de ensino tem ganhado adeptos entre famílias que buscam alternativas ao sistema educacional tradicional. A prática, que consiste na educação formal de crianças e adolescentes no ambiente doméstico sob a responsabilidade direta dos pais ou responsáveis, levanta questões fundamentais sobre autonomia familiar, qualidade pedagógica e desenvolvimento social dos estudantes. Segundo dados do National Home Education Research Institute, mais de 3,7 milhões de crianças nos Estados Unidos são educadas em casa, representando um crescimento de 300% nas últimas duas décadas. No Brasil, embora não existam estatísticas oficiais devido à ausência de regulamentação, estima-se que milhares de famílias já adotaram esta prática, criando uma demanda crescente por marcos legais que definam os parâmetros desta modalidade educacional.

A Personalização como Pilar Fundamental

Uma das principais vantagens defendidas pelos adeptos do homeschooling é a possibilidade de personalização completa do processo educativo. Diferentemente do ensino tradicional, onde um professor precisa atender simultaneamente às necessidades de 20, 30 ou mais alunos, a educação domiciliar permite que o ritmo, a metodologia e o conteúdo sejam adaptados especificamente às características, interesses e necessidades de cada criança.

Rebecca English, em sua obra "Homeschooling in the 21st Century", destaca que esta personalização vai além da simples adaptação curricular. Ela engloba a possibilidade de explorar métodos pedagógicos alternativos, como a aprendizagem baseada em projetos, o ensino multidisciplinar e a educação experiencial.

Famílias podem, por exemplo, transformar uma viagem em laboratório de geografia, história e ciências, ou utilizar a culinária para ensinar matemática, química e cultura.

Esta flexibilidade metodológica também permite que crianças com necessidades especiais de aprendizagem recebam atenção individualizada que muitas vezes não é viável no ambiente escolar tradicional. Estudantes com dislexia, TDAH ou altas habilidades podem ter seus programas educacionais completamente adaptados às suas especificidades, potencializando seu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

O Controle Parental: Direito ou Limitação?

O debate sobre controle parental na educação domiciliar revela uma tensão fundamental entre direitos familiares e responsabilidades estatais. Defensores do homeschooling argumentam que os pais possuem o direito natural e constitucional de dirigir a educação de seus filhos, escolhendo não apenas o que será ensinado, mas também como e quando será ensinado.

Esta autonomia permite que famílias preservem e transmitam seus valores, crenças e tradições de forma mais direta e consistente. Em um mundo onde muitos pais sentem que perderam influência sobre a formação moral e ética de seus filhos, o homeschooling surge como uma oportunidade de retomar esse protagonismo. Valores religiosos, princípios éticos específicos e visões de mundo particulares podem ser integrados naturalmente ao processo educativo, sem conflitos com diretrizes institucionais que possam divergir das convicções familiares.

No entanto, críticos levantam preocupações legítimas sobre os limites deste controle. Questionam se a liberdade parental pode, em alguns casos, restringir o acesso da criança a perspectivas diversas, pensamento crítico e conhecimentos que os pais possam considerar inadequados. O desafio está em encontrar o equilíbrio entre respeitar a autonomia familiar e garantir que as crianças recebam uma educação ampla e preparatória para a vida em sociedade.

A Questão da Socialização: Mito ou Realidade?

Talvez nenhum aspecto do homeschooling gere mais debate do que a questão da socialização.

Críticos frequentemente argumentam que crianças educadas em casa perdem oportunidades cruciais de interação social, desenvolvimento de habilidades interpessoais e exposição à diversidade que caracteriza o ambiente escolar tradicional.

Pesquisas do National Home Education Research Institute, contudo, apresentam dados que desafiam essa percepção. Estudos longitudinais indicam que crianças educadas em casa demonstram níveis de socialização comparáveis ou superiores aos de seus pares educados tradicionalmente. Elas participam ativamente de atividades comunitárias, grupos de estudo, clubes esportivos, organizações religiosas e programas de voluntariado.

A socialização no homeschooling tende a ser mais diversificada em termos etários e sociais. Enquanto a escola tradicional agrupa crianças principalmente por idade, a educação domiciliar permite interações com pessoas de diferentes faixas etárias, profissões e backgrounds. Crianças educadas em casa frequentemente desenvolvem maior facilidade para se comunicar com adultos e demonstram níveis elevados de autoconfiança e independência.

Além disso, muitas famílias que praticam homeschooling formam cooperativas educacionais, onde grupos de famílias se reúnem regularmente para atividades conjuntas, excursões educacionais e projetos colaborativos. Essas redes criam oportunidades de socialização estruturada e direcionada, muitas vezes mais rica e significativa do que as interações superficiais que podem caracterizar alguns ambientes escolares.

Qualidade Pedagógica: Desafios e Oportunidades

A questão da qualidade pedagógica no homeschooling é complexa e multifacetada. Por um lado, a educação domiciliar oferece vantagens pedagógicas significativas: atenção individualizada, ritmo personalizado, metodologias flexíveis e ambiente de aprendizagem controlado. Por outro lado, levanta preocupações sobre a preparação pedagógica dos pais-educadores e a adequação dos recursos educacionais disponíveis.

Nem todos os pais possuem formação pedagógica formal, o que pode gerar

questionamentos sobre sua capacidade de proporcionar educação de qualidade, especialmente em áreas mais especializadas como matemática avançada, ciências ou línguas estrangeiras. No entanto, defensores argumentam que a paixão, dedicação e conhecimento íntimo da criança podem compensar a falta de formação formal, especialmente quando combinados com recursos educacionais de qualidade e apoio de comunidades de homeschooling.

A tecnologia tem revolucionado as possibilidades pedagógicas do homeschooling. Plataformas de ensino online, cursos interativos, bibliotecas digitais e ferramentas de realidade virtual expandiram dramaticamente o acesso a recursos educacionais de alta qualidade. Famílias podem acessar aulas de professores especializados, laboratórios virtuais e experiências educacionais que antes eram exclusivas de instituições bem equipadas.

O Marco Legal: Necessidade de Regulamentação

No Brasil, o homeschooling existe em uma zona cinzenta legal. Embora não seja explicitamente proibido, também não é regulamentado, criando insegurança jurídica para as famílias que optam por esta modalidade. O Supremo Tribunal Federal, em 2018, decidiu que a educação domiciliar não é inconstitucional, mas requer regulamentação específica pelo Congresso Nacional.

Esta regulamentação é fundamental para estabelecer critérios de qualidade, mecanismos de avaliação, requisitos para os pais-educadores e salvaguardas para os direitos das crianças. Países como Estados Unidos, Canadá e Reino Unido desenvolveram marcos legais que permitem o homeschooling dentro de parâmetros claros, oferecendo tanto liberdade para as famílias quanto proteção para as crianças.

A regulamentação brasileira precisará considerar as especificidades culturais e educacionais do país, estabelecendo critérios que garantam a qualidade educacional sem inviabilizar a prática. Isso inclui definir mecanismos de avaliação, requisitos mínimos de formação ou capacitação para os pais-educadores, e sistemas de acompanhamento que assegurem o bem-estar e o desenvolvimento adequado das crianças.

Preservação de Valores Familiares: Direito Fundamental

Um dos aspectos mais valorizados pelas famílias que escolhem o homeschooling é a possibilidade de preservar e transmitir valores familiares de forma consistente e integrada. Em uma sociedade cada vez mais plural e, por vezes, conflituosa em termos de valores, muitos pais veem a educação domiciliar como uma forma de garantir que seus filhos cresçam com uma base sólida de princípios e crenças.

Esta preservação não implica necessariamente isolamento ou dogmatismo. Muitas famílias que praticam homeschooling enfatizam o desenvolvimento do pensamento crítico, ensinando seus filhos a analisar diferentes perspectivas enquanto mantêm uma base sólida de valores. O objetivo é formar indivíduos capazes de navegar na diversidade social mantendo sua identidade e princípios.

A educação domiciliar também permite que tradições familiares, culturais e étnicas sejam preservadas e transmitidas de forma mais efetiva. Famílias de diferentes origens podem incorporar sua herança cultural ao currículo educacional, garantindo que as crianças desenvolvam uma compreensão profunda de suas raízes enquanto se preparam para participar da sociedade mais ampla.

O homeschooling representa uma alternativa educacional legítima que oferece vantagens significativas em termos de personalização, flexibilidade e preservação de valores familiares. No entanto, sua implementação requer cuidado, planejamento e, fundamentalmente, regulamentação adequada que proteja os direitos das crianças enquanto respeita a autonomia familiar.

O debate sobre educação domiciliar não deve ser polarizado entre "progressistas" e "conservadores", mas sim focado em como podemos expandir as opções educacionais disponíveis para as famílias brasileiras, garantindo que todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade que respeite suas necessidades individuais e contextos familiares. A regulamentação cuidadosa do homeschooling pode contribuir para um sistema educacional mais diverso, flexível e responsivo às necessidades das famílias do século XXI.

EDUCAÇÃO

AEE, Educação Especial e Inclusiva, Escolas Especializadas: O que é, e como funcionam?

EDUCAÇÃO - Construindo pontes para uma educação verdadeiramente inclusiva e transformadora



Por Cleópatra Melo
COLUNISTA

Bacharel em Direito e Filosofia, Licenciada em Letras. Pós-Graduada em Direito Educacional, Autismo, ABA para TEA e Deficiência Intelectual, Teoria da Literatura e Produção Textual. Pós-Graduada em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária. Professora de Literatura e Educador Leitor.

@cleo_fonsecamel

"A deficiência, defeito ou problema não constitui, em si, um impedimento para o desenvolvimento do indivíduo"
- Vygotsky.

A inclusão escolar tem se consolidado como um dos pilares fundamentais da educação contemporânea, pautada nos princípios da equidade, da valorização das diferenças e da garantia de direitos para todos. Nesse contexto, temas como o Atendimento Educacional Especializado (AEE), a educação especial e inclusiva, e o papel das escolas especializadas têm ganhado destaque nos debates pedagógicos e nas políticas públicas educacionais. Aqui vamos tentar esclarecer o que são esses conceitos, como funcionam na prática e qual a sua relevância na construção de uma educação verdadeiramente inclusiva.



O que é o AEE?

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é um serviço oferecido aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas Habilidades/superdotação. Previsto pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação inclusiva, o AEE é uma atividade complementar ou suplementar ao ensino regular. Seu principal objetivo é promover a autonomia e a independência dos estudantes no processo de escolarização.



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/06/2025"

O AEE deve ocorrer no contrturno escolar, ou seja, em horário diferente das aulas regulares, e é realizado por um professor especializado em educação especial. Nesse espaço, o aluno recebe apoio com recursos didáticos e pedagógicos, como o uso de tecnologias assistivas, métodos específicos de ensino e adaptação de materiais. É importante frisar que o AEE não substitui a escolarização comum, mas sim a complementa, respeitando as especificidades de cada aluno e proporcionando meios de acesso ao currículo escolar.

Educação Especial e Inclusiva: conceitos interligados.



A educação especial é a modalidade de ensino voltada às pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Seu objetivo é garantir o acesso, a participação e a aprendizagem desses estudantes em todas as etapas da educação básica. Já a educação inclusiva é uma abordagem mais ampla, que defende a inclusão de todos os estudantes, independente de suas condições

físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outra. A inclusão não diz respeito apenas à presença física do aluno em sala de aula regular, mas também à sua participação ativa, ao reconhecimento das suas necessidades e à valorização da diversidade como princípio educativo.



Assim, enquanto a educação especial foca no atendimento das necessidades educacionais específicas de certos grupos, a educação inclusiva propõe que todas as escolas estejam preparadas para acolher a diversidade em sua totalidade.

A função das escolas especializadas.

As escolas especializadas são instituições destinadas ao atendimento exclusivo de alunos com deficiência ou necessidades educacionais específicas. Tradicionalmente, essas escolas ofereceram uma educação segregada, afastando o aluno do convívio com seus pares na escola

regular. No entanto, com o avanço das políticas inclusiva, o papel dessas instituições vem sendo ressignificado. Hoje, as escolas especializadas são entendidas como parceiras da escola regular. Elas podem atuar como centros de apoio ao AEE, oferecendo formação para professores, desenvolvendo materiais pedagógicos adaptados e promovendo atendimentos específicos, quando necessário, sempre com o objetivo de contribuir para a inclusão efetiva dos alunos no ensino comum.

Em casos excepcionais, quando a escolarização na rede regular não é possível – por motivos severos e comprovados – a escola especializada pode oferecer o atendimento direto. Mesmo nesses casos, a meta deve ser sempre o retorno à escola comum, quando viável.



Como essas modalidades funcionam na prática?

Na prática, a implementação do AEE e da educação inclusiva exige uma serie de ações

articuladas. Primeiramente, é necessário que as escolas tenham estrutura física acessível, materiais didáticos adaptados e formação continuada dos profissionais da educação. Além disso, o trabalho pedagógico deve ser pautado na flexibilização curricular, na personalização do ensino e no uso de metodologias ativas que favoreçam a aprendizagem de todos.

O professor de AEE atua de forma colaborativa com o professor da sala comum, compartilhando informações sobre estratégias e recursos que possam ser utilizados em sala. Essa parceria é fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas.

Desafios e perspectivas.

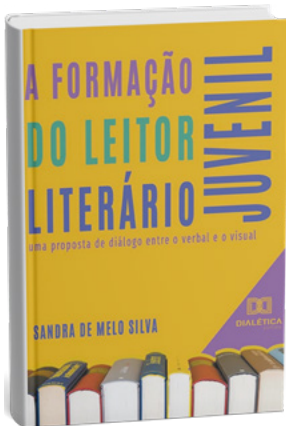
Apesar dos avanços legislativos e das orientações das políticas públicas, ainda existem muitos desafios para a efetivação da educação inclusiva no Brasil. A falta de formação específica de professores, a escassez de recursos materiais e humanos, a resistência cultural à inclusão e a precariedade de algumas instituições dificultam a consolidação de um sistema verdadeiramente inclusivo. Contudo, é preciso compreender que a inclusão é um processo contínuo, que exige mudanças estruturais, culturais e pedagógicas. Mais do que integrar o aluno ao ambiente escolar, trata-se de garantir sua participação plena e significativa na vida escolar.

A educação inclusiva representa um avanço civilizatório na luta por direitos humanos e justiça social. O AEE, a educação especial e as escolas especializadas, quando articulados de maneira complementar, contribuem para o fortalecimento desse ideal. É fundamental que o sistema educacional brasileiro continue avançando na formação de profissionais, na ampliação de recursos e na transformação das práticas pedagógicas, garantindo que todas as crianças e jovens, com ou sem deficiência, tenham acesso a uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva.



Quero dedicar este artigo a todos os pais terapeutas e/ou coterapeutas. A educação é um sacerdócio de amor e dedicação, ainda que tenhamos excelentes profissionais da área, somente os pais são capazes da excelência do amor e dedicação aos filhos, é essa excelência que estrutura a base de valores e princípios que formam indivíduos saudáveis e capazes.

Indicação de leitura



"A Formação Do Leitor Literário Juvenil:

Uma Proposta De Diálogo Entre O Verbal e o Visual

Este livro propõe uma reflexão sobre alternativas de conteúdos e procedimentos para a formação do leitor literário juvenil, por meio do diálogo entre o texto verbal e o visual. O objetivo de tal proposta é contribuir para uma interação dos estudantes diante da leitura literária e do texto não verbal. Para viabilizar a proposta, optamos por textos que dialogam entre si, um conto e um curta-metragem. O estudo empreendido aqui e a nossa trajetória, enquanto docentes, têm mostrado que esta formação é cada vez mais necessária em todos os níveis do ensino básico, uma vez que auxilia no desenvolvimento humano e cognitivo dos sujeitos.

Indicação de leitura



"Literatura Juvenil:

Adolescência, cultura e formação de leitores

Esse livro se propõe a lançar um olhar as atuais praticas de leitura e as publicações literárias voltadas aos jovens, além de iniciar um debate sobre o que é ser adolescente hoje, definir o que é um bom livro juvenil e, ainda, trazer sugestões de atividades e leituras complementares.

FILOSOFIA



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha
@stella_maria_gaspar

Uma jornada através das concepções filosóficas sobre a natureza temporal da existência

A natureza do tempo tem fascinantes implicações filosóficas e científicas. Em filosofia, o tempo é considerado uma propriedade geral do mundo, uma dimensão na qual os eventos se desenrolam. Discute-se como diferentes teorias filosóficas e interpretações científicas abordam a compreensão humana do tempo e sua relação com a realidade. Desde os primórdios do pensamento humano, os filósofos têm debatido sobre a verdadeira natureza do tempo, questionando se ele é uma realidade objetiva ou uma ilusão subjetiva.



Uma das visões mais tradicionais da natureza do tempo é a ideia de que ele é um fluxo contínuo, uma sucessão de momentos que se sucedem reciprocamente. Essa perspectiva remonta a filósofos antigos como Heráclito, que afirmava que “tudo flui” e que não podemos nos banhar duas vezes no mesmo rio, pois tanto nós quanto o rio estamos constantemente em mudança. Para Heráclito, o tempo é uma força dinâmica que molda a realidade e que nos mostra a impermanência de todas as coisas. Posteriormente, filósofos como Santo Agostinho, exploraram a natureza do tempo sob uma ótica mais religiosa e psicológica. Para ele, o tempo era uma manifestação da mente humana, uma medida subjetiva que nos permite organizar nossas experiências. Nessa visão, o tempo não existe fora da consciência humana; é uma construção mental que nos ajuda a dar sentido ao mundo e a compreender a noção de passado, presente e futuro. Todos os sentidos em nós se fixam àquilo que experimentamos, por exemplo: quando estou diante de um fascinante pôr do sol, algo em mim fica paralisado — e eu permaneço imóvel. Com isso, podemos dizer que desejamos



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/03/2025"

penetrar no âmago de toda e qualquer existência. Nossos órgãos sensoriais são, acima de tudo, criadores de conexões com o meio ambiente, que podem desencadear mudanças, com implicações na nossa forma de viver.



No contexto filosófico, porém, é bastante difundida a noção de que o tempo depende do sujeito do conhecimento. Um exemplo clássico desta concepção é a epistemologia de Immanuel Kant. Para ele, tempo e espaço seriam “formas da sensibilidade”, seriam a maneira como o sujeito formata, organiza ou constrói os dados

dos sentidos. Como, por exemplo: quando nos encontramos em desordem interior. Muita coisa passa por nossa mente e dizemos... “Não me conheço mais”. “Não sei o que se passa comigo”. Essas “formas de sensibilidade” nos confundem de tal maneira que não somos mais capazes de pensar com clareza. Tudo é confuso, obscuro e vago, e muitas vezes não sabemos como desembaraçar o nosso emaranhado interior.

Filosofias de cunho fenomenológico, para as quais não se pode separar a realidade daquilo que observamos ou daquilo sobre o qual temos experiência, tendem a dar prioridade epistemológica ao tempo psicológico por ser a este que temos acesso primordial. Mas no “tempo situacional”, relacionado com a “consciência situacional”, a qual é a capacidade de perceber e compreender o ambiente em um determinado momento, lentamente nossos pensamentos e nossa mente vão voltando ao normal. Nessa direção, podemos dizer que essa forma de sensibilidade é como uma água agitada

de um rio. Primeiro, é preciso que ela se acalme para podermos enxergar o fundo. O tempo físico seria somente uma construção teórica, científica, que pressupõe a presença de um sujeito e de sua vivência, e suas formas de viver. Desde esse olhar, os seres vivos são considerados em um devir, somos seres em um processo de vir a ser, em um contínuo ser variável ou estável, ou seja, seres em constante mutação com elos de encantamentos.

O tempo pode ser considerado o coração da existência; tempo e espaço fazem um binômio inseparável com o novo, com o diferente, com o que ainda não foi pensado, que continua por realizar. A vida, se soubermos usá-la, é longa, conforme encontramos no livro de David Fidler; “Um café com Sêneca. Um Guia Estoico para a Arte de Viver”. O fato é que desperdiçamos muito nosso tempo, correndo de um lado para outro, deixamos agitações em nossas mentes. A felicidade não é aprisionada a épocas, podemos viver entrelaçando passado, presente e futuro.

O tempo infinito é o mistério, que fica mergulhado no que nos espera.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS

MASCOTE PERSONALIZADO R\$100

FILOSOFIA

Pensadores Modernos:



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

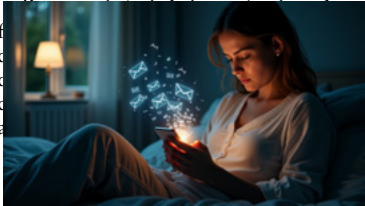
Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano



IMAGEM GERADA POR IA “usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/06/2025”

A cada manhã, quando a gente desperta e já tem uma notificação pedindo atenção, um e-mail que exige resposta, uma cobrança que parece mais urgente que a própria fome, algo em nós também vai se desligando. Não é o celular. É a alma. A alma daquilo que chamávamos de humano.



A identidade já não é mais um espelho fixo. É fragmento, é moldura móvel. Catherine Malabou nos lembra que somos sujeitos plásticos, não no sentido de maleáveis ao gosto dos outros, mas como quem resiste e se refaz, mesmo depois de se partir em mil. Ser humano é, também, suportar a própria reconstrução.

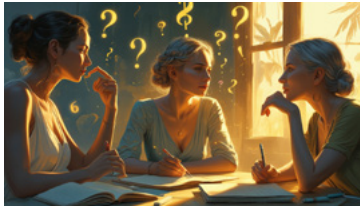
E reconstruir-se exige coragem. Judith Butler nos ensinou que identidade não se herda, se constrói e, às vezes, com cacôs. A noção de performatividade, tão mal interpretada, é na verdade um grito de liberdade: posso me refazer todos os dias, porque não sou rascunho de ninguém. Minha existência é minha autoria.

No meio disso tudo, o corpo. Esse corpo

cansado de render, de fingir, de obedecer a métricas e metas. A filósofa brasileira Suely Rolnik, ao falar da colonização do desejo, nos alerta que muitos dos nossos sofrimentos não são individuais. São sintomas do que nos impuseram como normal. E é aí que mora o perigo. E também a chance de ruptura.



O tempo em que vivemos é esse: entre o colapso e a possibilidade. Entre o esgotamento e a reinvenção. Pensar, nesse contexto, é um gesto de insubordinação suave. É dizer: existo, mesmo quando o mundo me quer produtiva em vez de viva.

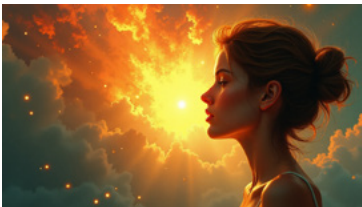


Talvez seja por isso que as vozes que mais escuto não gritam. Sussurram com firmeza.

Dizem com palavras inteiras aquilo que eu mesma só sentia entrelinhado. E me reconheço. Porque não estou só.

Repensar a existência humana, hoje, é dizer não ao automatismo. É ter a ousadia de sentir. De viver com presença. De fazer da própria consciência um território fértil, mesmo em tempos de concreto. É escrever, falar, ensinar, amar — tudo com mais densidade. Porque ainda vale a pena habitar-se.

E enquanto houver mulher pensando com o corpo inteiro, com o coração inquieto e as perguntas abertas, haverá resistência. Haverá futuro. E haverá poesia.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

FILOSOFIA "Novas visões sobre a Existência Humana"

Existe Uma Crise de Sentido no Mundo Contemporâneo?

FILOSOFIA "Entre o vazio existencial e a busca por propósito numa era de hiperconectividade"

POR
The Bard News, Redação
@thebardnews

Vivemos em tempos em que a tecnologia avança a passos largos, conectando o mundo como nunca antes. Ao mesmo tempo, a religião e as tradições espirituais perdem espaço em muitas sociedades. A primeira vista, conquistamos liberdade, autonomia e conforto. Mas por trás dessa aparente plenitude, uma inquietação cresce: a sensação de vazio. Muitos se perguntam qual é o propósito de tudo isso. Afinal, será que a vida, com toda sua velocidade e possibilidades, perdeu o sentido?



Essa sensação não é nova, mas parece cada vez mais presente. Viktor Frankl, psiquiatra austríaco e sobrevivente do Holocausto, chamou esse sentimento de “vazio existencial”. Ele percebeu que muitas pessoas, mesmo em contextos de liberdade, não sabiam mais por que estavam vivendo. A pergunta não era “como viver?”, mas “por que viver?”. E hoje, essa pergunta ecoa com força em meio às conquistas do mundo moderno.

A tecnologia nos trouxe ferramentas extraordinárias, mas também nos sobrecarregou. Informações constantes, estímulos ininterruptos, redes sociais que nos ligam ao mundo mas, paradoxalmente, nos afastam de nós mesmos. Gilles Lipovetsky, no livro “A Era do Vazio”, analisa esse cenário e afirma que vivemos num tempo em que o individualismo domina. As

grandes narrativas que antes nos guiavam, religiões, ideologias, tradições, foram substituídas pela busca incessante por prazer, consumo e experiências momentâneas.

Ao mesmo tempo, a secularização apagou, para muitos, o ponto de apoio espiritual que ajudava a organizar o sentido da existência. Sem essas referências, o mundo se torna fragmentado, e o ser humano se vê perdido, como se tivesse todas as ferramentas, mas não soubesse mais para que usá-las.

solidão e à incerteza. Buscamos constantemente algo que nos distraia, viagens, compras, entretenimento, mas, no fundo, tudo isso pode ser uma tentativa de preencher um vazio que continua ali. A felicidade virou um produto, o propósito se diluiu em metas externas.



IMAGEM GERADA POR IA “usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/06/2025”

Frankl nos lembra que o ser humano não é só corpo e mente, mas também espírito. Quando essa dimensão é ignorada, surge o vazio. E ele se manifesta de formas cada vez mais comuns: ansiedade, apatia, tristeza profunda, compulsões, vícios. Mesmo pessoas bem-sucedidas, com carreira sólida e vida confortável, muitas vezes sentem que falta algo. Porque o sentido da vida não se preenche com números, diplomas ou curtidas. É algo mais profundo, silencioso, essencial.

Lipovetsky observa que o culto ao “eu” nos trouxe liberdade, mas também nos expôs à

No entanto, essa crise não precisa ser o fim. Pode ser um chamado. Frankl propôs a logoterapia, uma forma de terapia que ajuda as pessoas a encontrar sentido, mesmo na dor. Para ele, o sofrimento não destrói o sentido da vida, pode até revelá-lo. Segundo sua visão, há três caminhos principais para encontrar propósito: realizar algo que tenha valor, amar alguém ou algo com profundidade, e ter uma atitude digna diante do sofrimento inevitável.

Outras tradições também oferecem luz. O estoicismo, por exemplo, ensina que devemos focar no que está sob nosso controle e aceitar

serenamente o que não está. Isso não significa resignação, mas sabedoria. Virtudes como coragem, moderação e justiça podem servir como pilares para uma vida significativa.

A filosofia oriental, especialmente por meio do mindfulness, convida à presença. Estar no agora, com atenção e gratidão, pode nos reconectar ao que realmente importa. Não precisamos de grandes respostas, às vezes só precisamos voltar a enxergar beleza nas pequenas coisas: um gesto de carinho, o silêncio da manhã, o riso de um amigo.

além de nós. Frankl dizia que o sentido muitas vezes nasce quando deixamos de olhar só para dentro e começamos a olhar para fora — para o outro, para o mundo.

A crise de sentido é, sim, um desafio profundo do nosso tempo. Mas também é uma oportunidade de voltar ao essencial. De perceber que, apesar da velocidade e do ruído, ainda podemos construir uma vida com propósito. Isso exige coragem, silêncio, reflexão e disposição para olhar para dentro — e para o outro.



Como disse Viktor Frankl, “a vida nunca deixa de ter sentido, mesmo em momentos de sofrimento”. E talvez seja justamente nesses momentos que ele se revele com mais clareza. Encontrar sentido é, no fim, uma escolha. Uma decisão de viver com profundidade, com verdade, e com esperança.



Viktor Frankl - fundador da Logoterapia e Análise Existencial



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

COMPORTAMENTO

O valor do silêncio: Descobrendo o poder da tranquilidade em um mundo barulhento



Por Juliana Denise
COLUNISTA

Doutoranda em Psicologia Clínica, Mestra em Psicologia da Saúde, Neuropsicóloga Clínica, Analista do Comportamento e Psicóloga pela Universidade Federal de Alagoas.
@julianadenise19

Quando parar de escutar o mundo se torna essencial para ouvir a si mesmo

Vivemos em um mundo cercado por estímulos, o tempo todo, em qualquer lugar! Tem se tornado difícil fugir desse turbilhão, parece que estamos diariamente mais imersos nesse pandemônio, muitas vezes ansiando por fuga, sentindo um impulso que vem de dentro, um grito angustiado e estridente que pede: SILÊNCIO!



Um minuto de paz, segundos de calma, uma pequena dose de tranquilidade! O barulho do mundo sufoca a existência, adormece a capacidade de nos escutarmos e de compreendermos nossas demandas emocionais. Nesse momento, o barulho interno se torna mais potente que qualquer estímulo externo, e é necessário PARAR! É impreterível desacelerar, respirar, descansar e silenciar!

Quantas demandas emocionais são minimizadas pela falta de tempo, esmagadas pela rotina exaustiva, mascaradas pela urgência de sermos úteis e plenamente funcionais? O barulho só cresce e nós somos incentivados socialmente a naturalizá-lo, até o dia que passamos a acreditar que não escutamos mais,

estamos dormentes demais ou doentes demais para reagir.

O caos interno não silencia até mesmo no isolamento acústico total. O medo da solidão e a busca por perfeição, promovem uma oficina de máscaras. Cada dia uma máscara diferente, um personagem ensaiado, pronto para atuar na cena que lhe foi designada. Muitos já deixaram de ser protagonistas de suas vidas e agora seguem um script ditado pelo “belo, perfeito e feliz”, difundido amplamente nas redes sociais.

Diariamente o barulho aumenta, somos bombardeados por todos os tipos de informações, as cidades crescem, a tecnologia torna proporções inimagináveis e é possível que sejamos tomados

pelo sentimento de pequenez diante de um mundo tão absurdamente gigante.



Diante dos questionamentos existenciais é necessário compreender quando o barulho ficou tão alto a ponto de conseguir que eu parasse de me escutar. Refletir que muitas vezes passamos a

só OUVIR, pois essa é uma capacidade inerente a todas as pessoas que não apresentam déficits no sistema auditivo.

A arte de escutar está atrelada a virtude de silenciar! A escuta exige dedicação, atenção e SILÊNCIO! A magia desse processo começa com as mudanças comportamentais relacionadas ao mundo externo e alcançam a intimidade, os sentimentos, o estado de espírito, até conseguirmos encontrar e vivenciar a tão sonhada PAZ!

Para vivenciar o processo é necessário, readaptar-se, desligar-se, estabelecer limites, pausas, valorizar o poder restaurador do silêncio, da tranquilidade que cura, da harmonia que renova, do equilíbrio que revigora e nos faz sermos capazes de sobreviver em um mundo tão barulhento, mas sem perder a essência existencial de que viemos ao mundo em SILÊNCIO, e que o choro cortante do recém-nascido é o grito de alguém que foi arrancado abruptamente do seu templo sagrado de quietude e paz.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA “usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 01/07/2025”

Ansiedade Digital: O Preço Invisível da Hiperconectividade na Saúde Mental

COMPORTAMENTO
Leia o artigo completo no Site

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

Ansiedade digital emerge como um dos fenômenos psicológicos mais preocupantes da era contemporânea, representando uma forma inédita de sofrimento mental diretamente vinculada ao uso excessivo de tecnologias digitais e redes sociais. Diferentemente da ansiedade tradicional, que possui gatilhos específicos e limitados no tempo, a ansiedade digital é caracterizada por sua natureza pervasiva e constante, alimentada pela hiperconectividade que define nossa época.

Este fenômeno não é meramente uma consequência acidental do progresso tecnológico, mas resultado de uma arquitetura digital deliberadamente projetada para capturar e manter nossa atenção. As plataformas de redes sociais utilizam algoritmos sofisticados baseados em princípios de psicologia comportamental, especificamente o conceito de "reforço intermitente" – o mesmo mecanismo que torna os jogos de azar viciantes.

Os dados estatísticos revelam a magnitude do problema. Segundo a Organização Mundial da Saúde, os transtornos de ansiedade afetam mais de 264 milhões de pessoas globalmente, com um aumento significativo nas últimas duas décadas – período que coincide exatamente com a massificação das redes sociais. No Brasil, o Instituto de Psiquiatria da USP registrou um crescimento de 25% nos casos de ansiedade entre jovens de 18 a 29 anos desde 2019, estabelecendo correlação direta entre tempo de tela e sintomas ansiosos.

Pesquisas publicadas no Journal of Anxiety Disorders demonstram que indivíduos que passam mais de três horas diárias em redes sociais apresentam 70% mais probabilidade

de desenvolver sintomas de ansiedade e depressão. Estes números não representam apenas estatísticas abstratas, mas refletem uma transformação profunda na forma como experimentamos e processamos nossas emoções na era digital.

O funcionamento das redes sociais baseia-se em um sistema de recompensas variáveis que mantém os usuários em estado constante de expectativa ansiosa. Cada curtida, comentário ou compartilhamento libera pequenas doses de dopamina no cérebro, criando um ciclo de busca por validação que se torna progressivamente mais difícil de satisfazer.

A psicóloga Sherry Turkle, em "Em Defesa do Luto", argumenta que esta conectividade

O fenômeno do FOMO (Fear of Missing Out) exemplifica esta dinâmica, criando uma ansiedade crônica de que experiências mais interessantes estão acontecendo em outro lugar, alimentando um ciclo interminável de verificação e comparação social.

As redes sociais amplificam dramaticamente os processos naturais de comparação social, transformando-os em fontes constantes de ansiedade. Diferentemente das comparações presenciais, limitadas ao círculo social imediato, as plataformas digitais expõem os usuários a uma amostra global e altamente curada de "vidas perfeitas".

Esta exposição cria o "viés de positividade online" – a tendência de compartilhar apenas



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/06/2025”

constante nos priva de momentos essenciais de reflexão e processamento emocional. A capacidade humana de estar sozinho consigo mesmo – fundamental para o desenvolvimento da identidade e regulação emocional – está sendo sistematicamente corroída pela necessidade compulsiva de estar sempre conectado.

aspectos favoráveis da vida, gerando uma representação distorcida da realidade. Usuários consomem constantemente imagens de férias paradisíacas, conquistas profissionais e momentos de felicidade pura, desenvolvendo expectativas irreais sobre suas próprias vidas.

A cultura dos influenciadores intensifica

esta dinâmica. Jovens e adultos são expostos a padrões de beleza, sucesso e estilo de vida frequentemente inatingíveis ou artificialmente construídos através de filtros, edição profissional e patrocínios, criando uma realidade paralela que se torna padrão de comparação.

A expectativa social de estar sempre disponível criou uma nova forma de ansiedade relacionada à pressão de performance digital. Mensagens não respondidas geram culpa, e-mails acumulados causam estresse, e a necessidade de manter presença online consistente torna-se fonte adicional de pressão psicológica.

Esta "tirania da disponibilidade" é particularmente intensa no ambiente profissional, onde a linha entre vida pessoal e trabalho foi dissolvida pela tecnologia. A fragmentação da atenção causada por notificações constantes resulta em fadiga mental, dificuldade de concentração e sensação persistente de estar "perdendo o controle".

A pesquisa neurocientífica revela que o uso excessivo de tecnologia digital produz alterações mensuráveis na estrutura cerebral. Estudos de neuroimagem mostram que indivíduos com uso problemático de internet apresentam mudanças no córtex pré-frontal similares às observadas em outros tipos de dependência.

O sistema nervoso simpático permanece cronicamente ativado em usuários heavy de redes sociais, resultando em níveis elevados de cortisol que comprometem o sistema imunológico e afetam a qualidade do sono. A "síndrome da vibração fantasma" – sensação de que o telefone está vibrando quando não está – afeta mais de 80% dos usuários de smartphones, demonstrando como nosso sistema nervoso se condiciona aos estímulos digitais.

Diante deste cenário, o desenvolvimento de estratégias eficazes de autocuidado digital torna-se essencial. O estabelecimento de "pausas tecnológicas" estruturadas permite ao cérebro se recuperar da sobrecarga digital. O "detox

digital" pode ser implementado gradualmente, começando com períodos curtos de desconexão e progredindo para intervalos mais longos.

A prática da "higiene digital" envolve curadoria consciente do conteúdo consumido online, incluindo unfollowing contas que geram sentimentos negativos e priorizando conteúdo educativo ou inspirador. A implementação de "rituais de transição" ajuda a criar fronteiras saudáveis entre mundos digital e físico.

O conceito de "mindfulness digital" emerge como abordagem terapêutica promissora, envolvendo desenvolvimento de consciência sobre padrões de uso tecnológico e implementação de pausas reflexivas antes de engajar com dispositivos digitais.

Técnicas específicas incluem a "respiração antes do clique" e práticas de "verificação emocional" após o uso. A configuração intencional de dispositivos – desativando notificações não essenciais e usando modos "não perturbe" – são estratégias simples mas eficazes para reduzir a ansiedade digital.

A educação digital emerge como componente fundamental na prevenção da ansiedade digital. Assim como ensinamos sobre nutrição física, precisamos desenvolver "alfabetização emocional digital" que prepare indivíduos para navegar saudavelmente no mundo online.

Esta educação deve incluir compreensão sobre funcionamento de algoritmos, reconhecimento de técnicas de manipulação psicológica em plataformas, e desenvolvimento de habilidades críticas para avaliar conteúdo online. Programas eficazes enfatizam o desenvolvimento de identidade offline forte, incentivando hobbies, relacionamentos presenciais e atividades que proporcionem senso de propósito independente de validação digital.

COMPORTAMENTO

O que não devemos esquecer?

Reflexões sobre maternidade, adolescência e a arte de não deixar o amor para trás



Por Claudia Faggi
COLONISTA

Jornalista Diplomada, Roteirista, Apresentadora de Televisão, Apaixonada pela sétima arte, Empreendedora digital do canal tudo_sobre cinema, Mulher e Mãe em construção.
@tudo_sobrecinema

“O tempo passa muito rápido”



Esta frase nunca fez tanto sentido para mim. Um dia desses eu fui até o Masp (Museu de Arte de São Paulo) com uma amiga, estava ansiosa para ver a exposição de Renoir. Na Avenida Paulista observei algumas mães com os seus filhos pequenos, algumas crianças estavam vestindo roupas de super-heróis. Lembrei imediatamente do meu filho que amava se vestir de incrível Hulk. Ele tinha cinco anos, hoje ele tem doze. Acredite, as duas primeiras obras que eu apreciei de Renoir estavam com as roupas do Incrível Hulk.

É isso... o tempo passou e não seria possível deixar essas lindas histórias, esses momentos

marcantes para trás. Como também seria impossível tê-los de volta. Tudo é um ciclo. As fases mudam e nós precisamos nos reinventar.

Não dá para viver do passado, ainda mais dos nossos filhos que estão em constante desenvolvimento.

Gosto muito da música da Elis Regina, Velha Roupas Coloridas, que diz o seguinte:

“Você não sente, não vê, mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer

Como Poe, poeta louco americano
Eu pergunto ao passarinho Blackbird, o que se faz?

Raven never raven never raven

Blackbird me responde
Tudo já ficou pra trás”

Mas ficar para trás nem sempre significa esquecer.

Ficar para trás, neste caso, é ressignificar, é aprender a lidar com o novo, se sentir completa ao fazer isso e ter a certeza de que somos seres humanos com erros e acertos no decorrer da vida.

Na minha adolescência não tinha internet, eu tinha que me levantar do sofá para mudar o canal da televisão em um aparelho de tubo, ligava para a minha mãe do orelhão e por esse motivo usava a seguinte expressão - “Acho que a ficha não caiu”. Se você é adolescente e está lendo esse parágrafo, você não faz a mínima ideia do que eu estou falando. E não se assuste, eu não sou um dinossauro.



IMAGEM GERADA POR IA “usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/06/2025”

O que também não pode ficar no passado é a nossa adolescência, sim, nós também “**ADOLESCEMOS**” e passamos por muitas coisas. Bullying, ansiedade, medo, exclusão, raiva, tristeza, alegria, questões hormonais, pressão social, busca por identidade, mudanças corporais, incerteza e muitas dúvidas.

No artigo de hoje quero lembrar que, com o mundo digital em foco, os sentimentos dos nossos filhos são elevados e não devem ser ignorados.

Conversei esta semana com uma querida amiga que também é educadora e suas palavras foram inspiradoras.

“Depois de cinco anos trabalhando com adolescentes e convivendo com a “minha” adolescente percebi fortemente que o que não pode ser deixado para trás é o olho no olho, é a conversa despretenhosa, é saber e participar do que o seu adolescente gosta.

Nada disso se constrói de uma hora para a outra, mas confio que essas coisas não podem ser deixadas para trás.

Sim, eles precisam do espaço deles, do momento deles e precisam do nosso acolhimento, do nosso carinho e da nossa escuta.

Eu diria que a maternidade acaba pedindo o autoconhecimento da mulher que escolheu ter um filho. Ao olharmos para eles, nossos filhos, olharemos para nós mesmas, encontrando talvez os segredos que nunca quisermos contar.”

Fernanda Loyola - Educadora

Na minha opinião tem atitudes que podem ajudar a nos relacionar com os nossos adolescentes.

- Propor diálogos relevantes para a rotina.
- Fazer elogios com mais frequência, trabalhar a autoestima é essencial para deixá-los mais seguros.

• Ser paciente e tentar conduzir o adolescente a reflexão, existem sentimentos que eles ainda não sabem nomear.

- Fortaleça a amizade.
- Mantenha o contato com a escola.
- Ofereça a autonomia, permita com que eles possam tomar decisões relacionadas a sua vida.
- Tenha maturidade nos conflitos, nós somos os orientadores e com respeito, amor e confiança podemos ajudar os nossos filhos a serem adultos mais confiantes.

• E por último e não menos importante, abrace muito e diga EUTE AMO sempre que seu coração estiver explodindo de felicidade por ter um filho ou filha adolescente. Não perca tempo. A vida passa rápido e nada pode ser deixado para trás.

Claudia Faggi
Mãe em construção, mulher e jornalista

A Epidemia de Reclamação e a Perda de Gratidão

COMPORTAMENTO
- Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

Como transformar o hábito automático de reclamar em uma prática consciente de gratidão



Vivemos tempos em que a reclamação parece ter se tornado parte do nosso dia a dia. Nas redes sociais, nas filas do supermercado, no trabalho ou até mesmo em conversas entre amigos, a reclamação virou quase um hábito automático. É como se tivéssemos aprendido, sem perceber, a dar mais atenção ao que falta do que ao que já temos. Mas o que essa tendência revela sobre nós? E, mais importante: o que ela nos custa?



Segundo Jeff Keller, autor de Attitude is Everything, nossa postura diante das situações molda não só a forma como enxergamos a vida, mas também a maneira como a vivemos. Reclamar constantemente pode parecer inofensivo, quase uma forma de desabafo. Mas, na verdade, fortalece um padrão mental negativo — aquele que nos faz focar apenas no que está errado. Estudos do Harvard Positive Psychology Institute revelam que esse tipo de comportamento pode aumentar os níveis de estresse, ansiedade e até contribuir para estados depressivos.

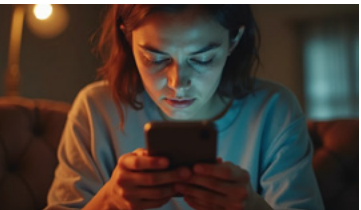
Quando estamos sempre reclamando, criamos um ambiente pesado à nossa volta. Isso afeta não só o nosso bem-estar, mas também a forma como nos relacionamos com os outros. Passamos a enxergar defeitos com mais facilidade, a cobrar mais do que agradecer. E, sem perceber, afastamos as pessoas que poderiam ser fonte de apoio, carinho e compreensão.



Mas por que essa epidemia de descontentamento ganhou tanta força? Uma das explicações está na era digital em que vivemos. As redes sociais nos expõem, o tempo todo, a versões idealizadas da vida alheia. Isso gera comparações constantes e a falsa sensação de que nossa vida é sempre menos interessante, menos feliz, menos suficiente. Ao invés de

valorizar o que temos, somos levados a desejar o que o outro mostra — muitas vezes, sem saber se aquilo é real.

Outro ponto é cultural. Fomos, muitas vezes, educados a criticar mais do que agradecer. A atenção vai antes para o erro do que para a virtude. Com o tempo, esse comportamento se normalizou, tornando a gratidão um gesto raro, quase esquecido.



Mas há caminhos possíveis para resgatar esse sentimento. Um deles é começar pequeno, com um exercício simples e poderoso: listar, todos os dias, três coisas pelas quais somos gratos.

À primeira vista, pode até parecer simples demais. Mas esse pequeno exercício tem o poder de mudar profundamente a forma como enxergamos o mundo. Quando nos damos a chance de olhar com mais atenção para o que é bom, algo muda dentro da gente. Passamos a perceber aquilo que, no corre-corre diário, costumava passar despercebido — o sorriso leve de um desconhecido, aquele silêncio acolhedor no fim do dia, um gesto de afeto que chega sem aviso, mas acerta em cheio o coração.

Outro caminho é trocar a reclamação por ação. Em vez de reforçar o que está ruim, que tal perguntar: “O que eu posso fazer para mudar

isso?” Essa atitude proativa nos devolve o senso de controle e reduz a sensação de impotência que tanto nos frustra.

Praticar a atenção plena também pode ajudar. Quando estamos realmente presentes no agora, conseguimos saborear o café quente pela manhã, sentir o vento no rosto ou simplesmente ouvir com mais atenção quem está ao nosso lado. São pequenas experiências que, se valorizadas, se tornam grandes fontes de satisfação.

E vale lembrar: gratidão é contagiante. Quando expressamos reconhecimento, inspiramos quem está por perto a fazer o mesmo. Um simples “obrigado” pode mudar o dia de alguém — e o nosso também. Apreciar, elogiar, reconhecer o esforço do outro... são gestos que criam laços e aproximam pessoas.

A reclamação pode até parecer um reflexo

natural diante das dificuldades, mas não precisa ser o único caminho. Podemos cultivar uma mentalidade mais grata, mais leve e mais positiva. Isso não significa ignorar os problemas, mas sim aprender a enxergar a vida com mais equilíbrio.



Como disse Jeff Keller: “sua atitude é a chave para o seu sucesso e felicidade”. Talvez a mudança que queremos ver no mundo comece com um pouco mais de silêncio nas queixas — e muito mais gratidão no coração.



OPINIÃO

O Papel do Humor em Tempos Difíceis:

Rir é um Ato de Resistência

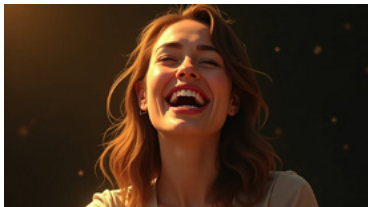


Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

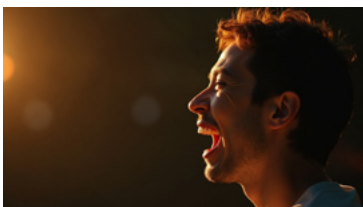
Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanertuliano

"Quando a gargalhada se torna a mais sofisticada forma de enfrentar adversidades"



A primeira gargalhada em meio a um momento trágico costuma causar estranhamento. Há quem veja no riso um descuido, um desvio da dor, quando, na verdade, é uma forma de lidar com ela. Em tempos difíceis, o humor emerge como estratégia de lucidez. Uma ferramenta refinada de quem entende que nem tudo pode ser resolvido com seriedade extrema e que, às vezes, rir é tudo o que resta antes que a alma se rompa.



O humor é uma das mais sofisticadas expressões de resistência. Ele não ignora a dor, apenas a transforma. A psicanalista Clarissa Pinkola Estés observa que mulheres que carregam histórias feridas sabem rir não por ignorância, mas por sabedoria ancestral. Esse riso, ainda que discreto, revela um tipo de força que não se deixa consumir pelas sombras do tempo.

Rir, portanto, não é desdém, mas elaboração. Não é fuga, mas construção de sentido. Em um mundo que insiste em reproduzir ciclos de opressão e desesperança, o riso nos devolve a autoria da narrativa. Ele não substitui a crítica, mas a tempera. Nos possibilita ver os absurdos cotidianos com um olhar mais afiado e muitas vezes, mais sábio.

Há uma diferença importante entre o riso superficial e o riso que vem do entendimento profundo das dores do mundo. O primeiro serve ao escapismo. O segundo, à transformação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 01/07/2025"

A filósofa Hannah Arendt, ao discutir a banalidade do mal, mostrou como a repetição de absurdos pode anestesiar consciências. O humor consciente, por outro lado, reativa o espanto e desafia a naturalização do insuportável.



Não é por acaso que tantos movimentos sociais utilizam o humor como ferramenta de crítica. O meme é, hoje, a crônica visual do nosso tempo. O riso coletivo incomoda os sistemas que apostam na obediência silenciosa. O humor que nasce da consciência e não da alienação é arte política. Uma forma de manter acesa a centelha da humanidade em meio às ruínas. Um gesto, às vezes sutil, mas profundamente revolucionário.

Claro que nem sempre é possível. E nem sempre deve ser. A maturidade emocional reconhece que há momentos em que o silêncio ou a lágrima são mais honestos. Mas quando

o riso vem, ele deve ser acolhido como sinal de saúde psíquica. Ele nos lembra que ainda há espaço para leveza, ainda que o tempo pese.

Em tempos difíceis, rir é um ato de quem compreende a gravidade das coisas, mas se recusa a ser engolido por elas. É o gesto de quem pensa, sente e resiste. É a arte de atravessar tempestades sem esquecer que, mesmo encharcados, ainda somos capazes de dançar.

Porque, no fim, rir não é apenas existir. É existir com dignidade. E isso, por si só, já é resistência!

Big Tech e a Ditadura dos Algoritmos: Unidade ou Fragmentação Social?

OPINIÃO

Leia o artigo completo no Site

POR

The Bard News, Redação

A tecnologia nos prometeu um mundo mais conectado. E, de fato, nunca estivemos tão juntos, ou ao menos tão próximos em cliques, notificações, curtidas. Mas será que essa aproximação virtual significa, de fato, um verdadeiro encontro entre as pessoas? A sensação, cada vez mais comum, é a de que vivemos em bolhas cuidadosamente construídas por algoritmos que moldam nossa experiência digital de forma invisível, silenciosa, e muitas vezes, perigosa.

As grandes corporações da tecnologia, as chamadas Big Techs, como Google, Meta, Amazon e tantas outras, tornaram-se arquitetas de uma nova paisagem social. Elas nos oferecem ferramentas, redes, plataformas, mas, por trás delas, operam máquinas inteligentes que decidem o que devemos ver, ouvir, consumir, desejar. O problema é que esses algoritmos, em vez de nos unir por meio de uma experiência coletiva e rica, têm fragmentado ainda mais a sociedade, criando ilhas de pensamento onde só ecoa o que já acreditamos.

Shoshana Zuboff, em sua obra "A Era do Capitalismo de Vigilância", descreve com precisão esse fenômeno. Para ela, os algoritmos das plataformas não apenas observam nosso comportamento: eles o moldam, o induzem, o programam. O objetivo? Manter nossa atenção presa, e a atenção, hoje, é o ativo mais disputado do planeta. E como se prende alguém? Pelo afeto? Pela empatia? Não. Prende-se pelo medo, pela raiva, pelo choque. Os algoritmos foram treinados para reconhecer nossas reações mais intensas e nos oferecer exatamente

aquilo que nos faz clicar sem pensar. Isso cria um ciclo vicioso de indignação, intolerância e desinformação.

A Electronic Frontier Foundation (EFF) alerta para um ponto central: os algoritmos não são neutros. São desenhados por pessoas, com interesses, sobretudo econômicos. O que viraliza não é o conteúdo mais verdadeiro ou mais útil, mas o que gera mais polêmica. Em consequência, teorias conspiratórias, fake news, radicalismos ganham destaque. Em vez de pontes, os algoritmos nos entregam trincheiras.

Esse efeito não se limita ao campo político. Ele transborda para o cotidiano, afetando nossa forma de ver o outro, de conversar com quem pensa diferente, de lidar com opiniões que nos desagradam. Ao invés de expandir horizontes, os algoritmos muitas vezes os estreitam, criando um mundo digital que parece confortável, mas é perigosamente monótono. E o que é pior: quando tudo que consumimos confirma o que já pensamos, perdemos a capacidade de escuta, de dúvida, de autocrítica.

Há ainda um impacto emocional profundo. Estudos revelam que o excesso de personalização pode gerar ansiedade, sensação de isolamento e radicalização afetiva. Vivemos num eterno déjà-vu de conteúdos, onde tudo parece sob medida, mas ao mesmo tempo, impessoal. A riqueza do inesperado, do contraditório, da surpresa, elementos essenciais ao crescimento humano, é sistematicamente filtrada.

Mas será que estamos condenados a esse ciclo? A resposta é não. Ainda há caminhos possíveis, e urgentes.

A primeira ação necessária é a transparência.

As Big Techs devem explicitar como seus algoritmos operam, o que priorizam, com base em que critérios. O usuário precisa deixar de ser um peão desavisado e passar a ser um agente consciente. Essa transparência deve ser acompanhada de regulação ética, séria e internacional. Não se trata de censura, mas de responsabilidade social.

Em paralelo, a alfabetização digital precisa deixar de ser um luxo e se tornar um pilar da educação contemporânea. Saber identificar manipulações, diversificar fontes de informação, duvidar do que é sensacionalista, essas habilidades devem ser ensinadas desde cedo. Só assim formaremos cidadãos capazes de navegar no oceano digital sem se perderem nas correntes da desinformação.

Outro ponto-chave é o incentivo à diversidade real de conteúdo. Plataformas devem ser estimuladas a expor seus usuários a visões divergentes, a temas menos populares, a realidades distintas da sua própria. Isso não apenas promove o diálogo, como nos humaniza.

E por fim, é preciso lembrar: os algoritmos são programados por nós. São ferramentas, não entidades soberanas. O futuro digital, mais inclusivo, mais ético, mais justo, será possível se tivermos coragem de questionar a lógica do engajamento a qualquer custo. Precisamos, enquanto sociedade, exigir responsabilidade, promover empatia e reconstruir, juntos, a noção de comunidade.

A promessa de um mundo interconectado não pode se tornar uma distopia solitária. É hora de reprogramar não apenas os algoritmos, mas também nossas escolhas. Porque a tecnologia deve estar a serviço da vida, e não o contrário.



CRÍTICA

Soluções para Resgatar a Literatura como Espaço de Diálogo

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

A polarização ideológica na literatura contemporânea é um desafio real, mas não é insuperável. Para mudar esse cenário, o primeiro passo é simples e essencial: abraçar a diversidade de perspectivas. A literatura precisa voltar a ser um espaço de questionamento, onde ideias podem ser exploradas sem medo de julgamentos precipitados.

Os escritores, por sua vez, têm o poder de liderar essa transformação. Ao invés de seguir fórmulas que reafirmam ideologias específicas, eles podem criar histórias que mergulhem nas nuances da experiência humana. O segredo está em abraçar a complexidade, revelando contradições e provocando reflexões. Quando uma narrativa desafia o leitor, ela se torna inesquecível.

Já os críticos e mediadores literários devem focar no que realmente importa: a qualidade da obra. Avaliar livros por sua profundidade artística, e não por alinhamentos políticos, é uma maneira de devolver à literatura seu papel de arte e não de instrumento de polarização.

E os leitores? Aqui está a chave: sair da zona de conforto. Descobrir autores novos, gêneros inesperados e perspectivas diferentes pode ser transformador. A leitura é uma oportunidade única de entender o mundo pelos olhos de outra pessoa.

Por fim, iniciativas como clubes de leitura inclusivos, oficinas criativas e eventos literários que incentivam o diálogo são fundamentais. A literatura, no fundo, é um elo — e pode voltar a ser o que une as pessoas, desde que a permitamos cumprir esse papel.



CRÍTICA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

Os desafios dos prêmios literários entre mérito artístico e discursos sociais

"Por décadas, os prêmios literários celebraram o poder transformador da literatura. Hoje, muitos questionam se ainda premiam mérito artístico ou se privilegiam discursos políticos e sociais. Como resgatar a excelência literária sem excluir vozes diversas?"

Durante décadas, os prêmios literários representaram algo quase sagrado para escritores e leitores. Eles simbolizavam mais do que troféus ou cifras: eram sinais de reconhecimento por talento, profundidade narrativa e impacto cultural. Mas, ultimamente, muita gente tem se perguntado: será que esses prêmios continuam premiando, de fato, a literatura? Ou estariam se deixando levar por interesses ideológicos, dando mais importância ao que a obra representa do que ao que ela é?

Wayne Booth, em "The Rhetoric of Fiction", defendia que a literatura deve ser julgada por sua força narrativa, pelo modo como nos prende e nos transforma, não por atender a um conjunto de exigências políticas ou sociais. No entanto, ao olharmos para muitos dos prêmios atuais, percebemos um certo deslocamento. A representatividade, as causas sociais e os discursos



identitários ganharam protagonismo. E, apesar de serem temas necessários, a ênfase excessiva neles levanta um alerta: e o valor literário, onde ficou?

Muitos escritores hoje enfrentam uma espécie de barreira invisível. Por mais que tenham talento e domínio técnico, suas vozes podem ser ignoradas se não se encaixarem no que é considerado "urgente" ou "relevante" por comissões julgadoras. O que era para ser um

espaço de celebração da diversidade acaba se tornando, curiosamente, mais restrito.



E o público sente. Leitores mais atentos percebem quando uma obra premiada parece mais uma escolha política do que literária. Isso gera desconfiança, cansaço e até desinteresse, justo num momento em que a literatura compete com distrações cada vez mais rápidas e visuais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 03/07/2025"

Por que a Cultura do Fútil Está Dominando a Música?

O impacto do consumo rápido e das redes sociais no empobrecimento musical

Por The Bard News, Redação

CRÍTICA - Leia no Site



Música sempre foi uma ponte entre emoções e realidades. Em cada época, ela traduziu sentimentos, retratou conflitos, embalou sonhos e deu voz a quem não podia falar. Mas algo parece ter mudado. Hoje, boa parte do que toca nas paradas soa raso, repetitivo e descartável. Onde antes havia poesia e profundidade, agora reina a batida pronta para viralizar. Será que estamos trocando arte por entretenimento vazio?

David Byrne, no livro How Music Works,

observa que a música é moldada por seu tempo. Ela responde ao ambiente onde nasce, às tecnologias que a propagam e aos interesses que a financiam. Na era do streaming e das redes sociais, onde tudo é imediato e mensurável em cliques, visualizações e curtidas, o valor da música parece ter sido reduzido à sua capacidade de engajar — rápido e sem esforço. O algoritmo dita o que ouvimos. E o que ouvimos, muitas vezes, mal passa da superfície.

A crítica musical também vem alertando

sobre isso. A Rolling Stone, por exemplo, tem questionado o empobrecimento lírico de muitas produções atuais. Canções que antes contavam histórias e tocavam o coração agora giram em torno de temas rasos — ostentação, desejos instantâneos, frases feitas. E isso não é só culpa da indústria. É também reflexo de um público condicionado à pressa, à distração, ao consumo rápido e fácil.



O problema não está em gostar de músicas leves ou dançantes. O risco está em perder o equilíbrio. Quando tudo vira fórmula, previsibilidade e superficialidade, empobrecemos a própria ideia de arte. Muitos artistas acabam se sentindo pressionados a seguir essa lógica, abrindo mão da autenticidade em troca de visibilidade.

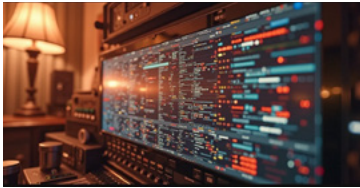
Mas nem tudo está perdido. Ainda existem músicos comprometidos com a verdade do que criam — e ouvintes dispostos a escutá-los.

Gravadoras independentes, cenas alternativas e artistas que resistem à padronização mantêm acesa a chama da criação genuína. E cada pessoa, ao apoiar uma música mais profunda, mais honesta, ajuda a reequilibrar esse cenário.



Educação musical também é chave. Conhecer a história dos gêneros, entender o contexto das composições, prestar atenção nas letras e nos arranjos... tudo isso amplia nosso olhar e nos convida a uma escuta mais sensível. Quando ouvimos com o coração aberto, percebemos que a música é muito mais do que trilha de fundo — ela pode ser voz, memória, abrigo.

A cultura do fútil pode até dominar o mercado por um tempo. Mas a música que atravessa gerações sempre foi aquela que ousou ser verdadeira, mesmo quando isso custava fama instantânea. Cabe a nós, como ouvintes, escolher qual música queremos levar conosco: a que passa, ou a que permanece.

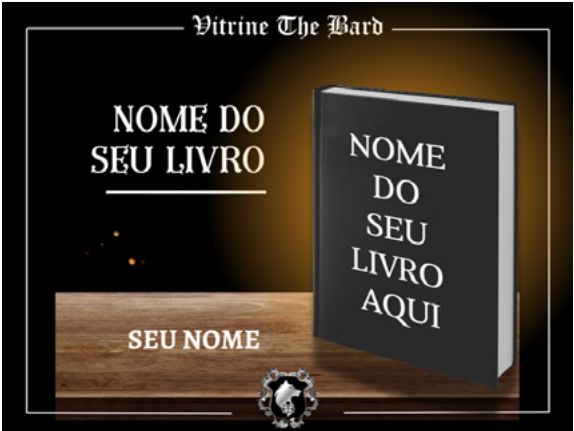


Afinal, como escreveu David Byrne, a música é uma maneira de dar sentido ao mundo. E em tempos tão confusos, o que mais precisamos é justamente disso — de arte que nos lembre de quem somos e de tudo o que ainda podemos sentir.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



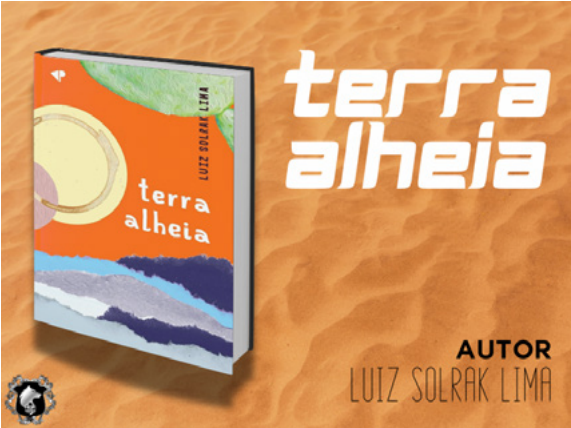
Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



ANÚNCIO 2 - 1000X212



ANÚNCIO 3 - 400X300



ANÚNCIO 4 - 1080X1920



ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



Etiqueta feminina?



William Shakespeare: Por que ele nunca deixou de nos fascinar



A ilustre Casa da Avenida Paulista



Liberdade e Educação: Homeschooling no Brasil



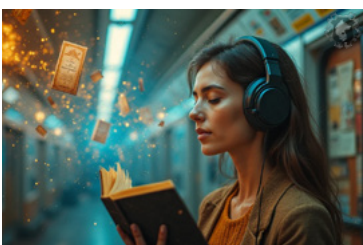
Cultura Plurais no Brasil: A Riqueza da Diversidade Cultural Brasileira



A Filosofia do Tempo: A percepção e a Realidade



O Valor do Silêncio: Descobrindo o poder da tranquilidade em um mundo barulhento



O Papel do audiobook na Revalorização de Clássicos Literários



O que não devemos esquecer?



O que é, e como funcionam as AEE?



Distopia e Utopia: Lições dos Grandes Autores Para o Presente.



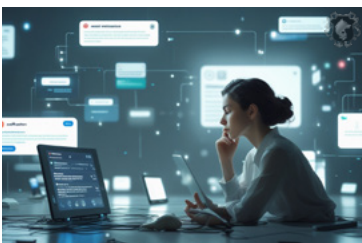
K-LIT: a Onda Pop Coreana na Literatura atual e a conquista do público ocidental



Educação emocional: a base para um aprendizado eficiente



Homeschooling no Brasil: Entre a Liberdade Educacional e os Desafios da Socialização



Pensadores Modernos: Novas visões sobre a Existência Humana



Existe Uma Crise de Sentido no Mundo Contemporâneo?



Ansiedade Digital: O Preço Invisível da Hiperconectividade na Saúde Mental



O Papel do Humor em Tempos Difíceis: Rir é um Ato de Resistência



Big Tech e a Ditadura dos Algoritmos: Unidade ou Fragmentação Social?



Prêmios Literários e o Fim do Mérito?



Por que a Cultura do Fútil Está Dominando a Música?



RSENHA: Herdeiras do Mar – Mary Lynn Bracht



CONTO: O Café Passagem



A Epidemia de Reclamação e a Perda de Gratidão



MINICONTO: O Livro Fantasma

AGRADECIMENTOS



No dia 15 de Julho de 2025, celebramos um sonho coletivo: o lançamento da 2ª edição do **Jornal The Bard News®** no Brasil e no mundo.

Em um mundo em constante transformação, acreditamos na potência da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento para construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões necessárias. The Bard News nasce como um espaço aberto, plural e generoso, dedicado a todos que creem que o diálogo, a diversidade e a cultura são ferramentas insubstituíveis de transformação.

Hoje queremos agradecer — de coração aberto — a cada pessoa que tornou este projeto possível. À nossa equipe incansável, que dedicou talento, noites e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que emprestaram ao jornal as suas vozes e olhares únicos; àqueles que divulgaram, apoiaram, sugeriram, acreditaram. Agradecemos profundamente aos leitores, porque é para vocês que existimos — e com vocês queremos construir cada página.

Reunindo temas como Arte, Literatura, História, Educação, Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Cultura e Opinião, desejamos oferecer mais que informação: queremos proporcionar experiências, descobertas e inquietações. O The Bard News nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para questionar e propor.



Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso é com o acesso democrático ao conteúdo relevante — nacional e internacional — guiados sempre pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando conosco, nosso sincero muito obrigado. O The Bard News é, acima de tudo, obra coletiva — e, por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita desta história que está só começando.

A Redação - The Bard News

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

1

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site

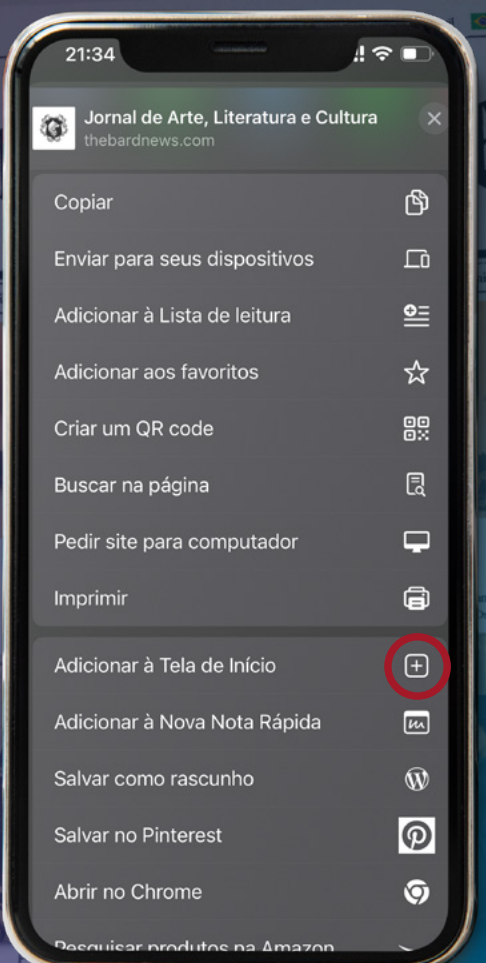


2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

